O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 11 DE SETEMBRO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:501

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Carlos Lobo d'Avila.—Graça merecida.—A nova circumscripção administrativa.—Redondamente falso.—Emigração.—Noticiario.—Colonisação.—As reformas tributarias.—O passado e o presente.—Communicados.—Noticias diversas.—Folhetim: Magdalena.—Pelo estrangeiro.—Agricultura.—Parte litteraria.—Carta de Lisboa.—Carta de Goes.

AVEIRO

CARLOS LOBO D'AVILA

Quasi o não podemos crer ainda. E, todavia, é bem certo que elle morreu. Matou-o uma *angina pectoris*, o grande mal dos velhos, a elle, tão moço, tão forte, tão robusto de vida como de talento!

Quasi o não podemos crer ainda, sim, tão profundo é o golpe, tão inesperada a fatal noticia, tão cruel a sua dolorosa realidade!

Em campos bem diversos, diametralmente oppostos, o lucto de que hoje vestem os nossos adversarios politicos pelo doloroso acontecimento que enche de consternação o partido regenerador, toca-nos tambem, porque consideramos nacional a perda do illustre extincto.

Ante a fatalidade que o arrancou á vida, aos carinhos da familia e á consideração dos portuguezes, não póde haver quem se não curve.

Em homenagem á dolorosa angustia do partido em que era agora o melhor soldado, o mais audaz batalhador, tambem nós abatemos a nossa bandeira.

Foi um homem, em todas as manifestações da vida, que o paiz perdeu. Contava apenas uns 36 annos de edade.

Terminára em 1882 a sua formatura em direito na Universidade de Coimbra, onde conquistára já os louros d'um orador notavel e de largo futuro. Logo pouco depois foi eleito deputado pelo circulo de Santarem, mostrando desde o seu primeiro discurso, em resposta a Fontes Pereira de Mello, todo o valor dos seus meritos parlamentares. Desde então exerceu influencia na politica. Deputado em todas as legislaturas, a sua palavra era sempre escutada com interesse.

Distinguio-se tambem no jornalismo, onde foi luctador incisivo, arguciosо, forte, mas sempre delicado.

Em 1889 fundou o *Tempo* e foi alli que maior brilho e reputação adquiriram as suas faculdades de jornalista. Dos seus dotes litterarios, deixa uma brilhantissima polemica com Pinheiro Chagas, nas columnas do *Correio da Manhã*, uma primorosa collecção de chronicas politicas de Madrid e Paris, um livro de viagens prefaciado por Pinheiro Chagas e os *Zumbidos*, chronicas mensaes, de collaboração, publicados ainda nos bons tempos da mocidade academica.

Em 20 de dezembro de 1893 conseguia finalmente entrar no governo, sendo-lhe entregue a pasta das obras publicas, onde promulgou importantes medidas de administração. Passou depois á gerencia da pasta dos estrangeiros, e cabe-lhe a gloria de ter reatado as nossas relações com o Brazil.

A hora adeantada a que escrevemos, não nos permitte ir mais longe.

Repouse em paz, no silencio do tumulo, o desditoso moço. A seus paes, ao partido regenerador, que n'elle perderam uns o seu maior orgulho e outros o seu melhor esteio, a expressão do nosso profundo pezar.

Graça merecida

O soberano acaba de conferir a um dos mais prestantes cidadãos d'este paiz a carta de conselho.

Raras vezes o mais alto poder do Estado exerceu com tanta justiça a sua prerogativa.

O cavalheiro de que se trata é filho de Vianna, nasceu alli, mas o seu nome é propriedade nacional, porque o seu espirito é quanto ha de mais nobre e elevado na raça portugueza.

Os nossos collegas de Vianna, noticiando o facto e publicando o seu retrato, apreciam-n'o nos seguintes termos. A *Aurora do Lima* diz:

CONSELHEIRO JOAQUIM JOSÉ CERQUEIRA

Reproduzindo hoje o retrato do benemerito varão que acaba de ser agraciado com uma alta distincção official, mais uma vez prestamos as nossas homenagens de respeito e sympathia ao cidadão illustre a quem o paiz em geral, e a nossa terra em particular, devem serviços relevantes e inolvidaveis.

O novo conselheiro, que os nossos governos já em outras occasiões procuraram distinguir pelo seu reconhecido merito, sobre ser um coração d'oiro finissimo, aberto a todos os impulsos mais nobres e mais cavalheirosos, é um caracter sério e modesto, um verdadeiro homem de bem, no sentido mais lato d'esta palavra. Por isso a alta mercê conferida agora ao sr. Joaquim Cerqueira assenta em titulos de nobreza moral que não são vulgares, e merece o consenso unanime de todos aquelles que pensam que premiar e distinguir os que procedem rectamente não póde nunca ter-se em conta de inutilidade.

Não iremos agora relembrar os numerosos e grandes serviços prestados pelo sr. Cerqueira em diversas epocas. Seria isso uma repetição ociosa para todos quantos o conhecem. Lembraremos apenas que é s. ex.ª uma das mais preeminentes figuras d'essa illustre instituição que se chama, no Rio de Janeiro, o *Gabinete Portuguez de Leitura*, monumento grandioso do patriotismo indefesso da colonia portugueza. Lembraremos outrosim o procedimento magnanimo de s. ex.ª por occasião do *ultimatum inglez*, de tristissima memoria, concorrendo para o exito da grande subscripção nacional n'aquelle paiz por uma fórma digna dos maiores louvores. Lembraremos finalmente os incessantes serviços prestados a esta terra pelo sr. Joaquim Cerqueira, que elle adora como filho extremoso, e á qual dedica todos os seus pensamentos.

Tantas vezes temos registado n'estas columnas os beneficios que Vianna deve ao benemerito cidadão, que nos julgamos agora dispensados de os ennumerar. A graça conferida, pois, a s. ex.ª, é d'aquellas que honram o ministro e as instituições que as conferem. Representam um preito de justiça a um nobilissimo caracter e a um cidadão que honra e que engrandece o seu paiz.

As nossas cordeaes felicitações ao novo conselheiro.

A *Vida Nova* escreve:

JOAQUIM JOSÉ CERQUEIRA

«Falta aqui, precedendo este nome, tão modesto e para nós de tanta valia, um titulo—a palavra *conselheiro*. Não o pozemos, porque, só desde dois dias, elle tem direito a ser conhecido como tal. Mas, com aquelle singelo nome, de ha muitos annos que Portugal o conhece. Se, por esse paiz fóra, perguntarmos—quem é Joaquim Cerqueira?—responder-nos-hão:

«E' o trabalhador intemerato que, honradamente, com o suor do seu rosto, enriqueceu, vendo-se senhor d'uma fortuna, que a tanta gente desgraçada tem valido. E' o patriota de coração e alma, que põe o seu nome no alto da subscripção nacional, no Brazil, quando a Inglaterra, covardemente, offerecendo os pés aos labios de portuguezes, traidora nos expoliou. E' o viannense amoravel que, regressando á patria, manda, á sua custa, construir obras de uma utilidade incontestavel, e fecha, com o seu obulo desinteressado, tanta bocca sem pão. E' o homem, cuja imagem se não apaga no coração dos viannenses, a cujos labios, n'uma gratidão immorredouro, acudirá sempre, envolto em bençãos, o nome de Joaquim Cerqueira.»

Contrastando, quem é o conselheiro Cerqueira? E' o mesmo, mas com um titulo de nobreza, que elle escusava, nobilitado como era pela generosidade da sua alma e pela nobreza do seu caracter.

Concedeu o governo a carta de conselho ao estrenuo viannense. Não lhe fôra supplicada por elle, que sabe ter o alto valor de desprezar as grandezas. Por um acaso, o governo acertou. Mas, se fôrmos a lêr a longa lista de conselheiros que por ahi vegetam, a maior parte d'elles tendo direito a um titulo, porque dispõe de votos, porque fizeram um favor ao governo, o coração confrange-se, e a nossa alma, que adora Joaquim Cerqueira, continúa a vêr n'elle, não o conselheiro, mas o patriota, o altruista, o filho do Povo, que o Povo estima, a alma cheia de dedicações, a quem o dinheiro não serve para comprar votos na terra, mas para os comprar no Céo, onde ha-de ser eleito, pelo suffragio que se não vende, dos infelizes a quem adoçou as amarguras, e dos mendigos a quem ensinou que a Caridade tem na terra representantes.

Joaquim Cerqueira acceitou a carta de conselho, como se acceita um presente d'um amigo, que, sem fazer desconsideração, não póde recusar-se. Mas a sua boa alma nenhuma importancia ligará á honra que lhe acaba de ser feita. Para elle mesmo, como para nós, continuará a ser Joaquim Cerqueira. Vinde comnosco, viannenses, dar um abraço n'esse homem que é a nossa honra, cingir, n'um amplexo de gratidão, esse peito que Deus, n'uma prodigalidade de bom, encheu de bellos sentimentos, de aspirações de Bem, que só lá deixarão de existir quando elle deixar de pulsar!»

Nunca o poder real se exerceu com mais justiça, repetimos.

O que acaba de lêr-se, o que escrevem os nossos illustrados collegas de Vianna, é simplesmente exacto. O cavalheiro agraciado é superiormente digno da graça que acaba de ser-lhe conferida. Folgamos tambem com elle, porque, respeitadores das nobres qualidades de caracter do agraciado, mais que de justiça julgamos ter sido o acto que o condecorou.

A nova circumscripção administrativa

Já lavra por todo o districto uma agitada e justa indignação contra as alterações com que o governo ameaça a circumscripção das comarcas e concelhos.

Estamos convencidos que a audacia governamental não chega para as decretar já; e que, quando mesmo vierem a realisar-se, serão insignificantes. Tudo depende da attitude energica de resistencia que os povos adoptem, porque os homens da governação só são grandes e fortes com os pequenos e fracos.

D'uma correspondencia da Feira vêmos que ha lá noticia de projectarem tirar a esse concelho cinco freguezias: Souto, que será annexada a Ovar; Lever, a Villa Nova de Gaya; e Louredo, Valle e Romariz, a Arouca.

As nossas informações confirmam esta noticia, mas accrescentam que será tambem annexada a Villa Nova de Gaya a freguezia de Canedo. Veremos.

Redondamente falso

Diz o *Economista* que «a proposito da proxima convocação dos collegios eleitoraes, se tem voltado a fallar da concertada abstenção dos republicanos e progressistas. Todos sabem, acrescenta, que essa resolução tem tido opposição dentro dos dois partidos e que tem sido difficil convencer muitos dos respectivos adeptos a deixarem de concorrer á urna. Ciêmos até que n'esse sentido tem chegado a haver declarações mais ou menos categoricas de alguns correligionarios insubordinados, diz ainda o jornal financeiro, e a ninguem surprehenderá que, chrismados com o nome de independentes, ou com outro qualquer, appareçam candidatos progressistas e republicanos a enfileirar-se ao lado dos raros partidarios do sr. Dias Ferreira, que parecem estar agora outra vez firmes no seu proposito de irem á urna.»

Que ao governo convém fazer espalhar pelas suas folhas aos quatro ventos da publicidade o que o *Economista* sem fundamento relata, não corre duvida. Estão todos no seu papel. Tem-se illudido muitas vezes o publico que os lê, e mais uma sobre tantas em negocios de importancia como este, não faz ao caso.

Mas que não ha já quem os acredite e que é redondamente falso o que affirmam, é positivo para todos.

Quanto ao partido progressista, bem solemnemente affirmou ainda ha dias o seu orgão na imprensa da capital o que lhe cumpria affirmar.

Que lucrarão os jornaes do governo em affirmar hoje o que desmentirão fatalmente ámanhã os factos? Desacreditar-se unicamente. Pois conseguem-o.

Emigração

Conta o nosso estimavel collega da *Soberania do Povo*, de Agueda, no seu n.º de domingo ultimo:

«Passaram na sexta-feira n'esta villa quatro carros conduzindo muitas pessoas da Mourisca e Vouga, que vão para as terras do Brazil e Africa em procura de fortuna. Partem mesmo familias inteiras, em vista da falta de trabalho que ha e da carestia dos generos de primeira necessidade.

Ante-hontem, hontem e hoje, tambem sahiram d'Agueda, em direcção áquellas longiquas terras, alguns chefes de familia e outras pessoas que de ha muito vivem em circunstancias bastante precarias, por falta de meios para a sua subsistencia.»

As nossas aldeias vão-se despovoando dia a dia, cada vez mais. E' o bem estar patrio, a paz, a tranquillidade e a fortuna que aqui desfructam, que levam toda essa pobre gente a procurar lá fóra os trabalhos, as agruras da vida, que aqui não teem, cançados d'esta eternidade de delicias, gosada n'este paiz á beira mar plantado.

E o governo, este rico governo que nos rege, a desenvolver cada vez mais a actividade agricola, a cercear os impostos, a promover cada vez com mais louvavel zelo e mais vehemente interesse a felicidade dos povos, seus venturosos administrados!

Ingrato povo, o nosso, que paga assim os relevantes serviços devidos a tão paternal governo!

E não vem, como a trovoada ultima, que tantos estragos causou, uma lufada bemfazeja, que limpe tudo isso nos tenebrosos horisontes do poder!...

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Foi pedida em casamento para o nosso amigo e habil advogado n'esta comarca, sr. dr. Francisco Couceiro, a sr.ª D. Clotilde d'Almeida Azevedo, gentil filha do sr. Gustavo F. Pinto Basto.

O sr. dr. Francisco Couceiro é um bello moço, e um caracter são e honestissimo. A noiva, educada na escola onde foi preceptora desvelada sua estremecida mãe, allia a esses bons principios os melhores dotes do coração.

Que completem pelos laços da união que os vae prender a felicidade que antevêem, é o que sinceramente lhes desejamos.

— Regressou de Lisboa a sr.ª viscondessa d'Alemquer, que parte por estes dias para Mondariz com seu marido, o illustre governador civil d'este districto.

— Está em Aveiro o sr. dr. José do Valle Guimarães, digno conservador em Taboa.

— Tem estado perigosamente enfermo na sua casa da Moita, o digno par, sr. Casimiro Barreto. Graças, porém, aos esforços do seu zeloso medico assistente, sr. dr. Luiz Regalla, está já s. ex.ª felizmente melhor.

— Está em Agueda, onde vae passar o mez de setembro, o nosso amigo, sr. dr. Adolpho Portella.

— Veio aqui hontem, de Ovar, o abalisado medico, e nosso illustrado amigo, o sr. dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa.

— Passa hoje o faustoso anniversario natalicio da ex.ᵐᵃ sr.ª D. Maria Emilia Seabra de Castro, dignissima esposa do prestigioso chefe do partido progressista. Enviamos os nossos cordeaes e respeitosos parabens á illustre dama.

— Esteve domingo aqui o nosso honrado amigo e abastado proprietario de Ovar, o sr. Antonio Soares Pinto.

— Visitou esta cidade no sabbado o nosso illustrado amigo, o sr. dr. Francisco Cabral Metello, dignissimo redactor da camara dos pares.

— Vieram hontem de Espinho a esta cidade, os srs. condes das Devezas e filhos, e o distincto ophtalmologista, o sr. dr. Gama Pinto com sua ex.ᵐᵃ esposa, e a notavel poetiza D. Amelia Jenny.

— Soubemos hoje, o que muito sentimos, que o rev.º sr. prior de Cacia, ainda incompletamente restabelecido da grave doença que soffreu em agosto ultimo, está outra vez de cama com uma gastrite palustre. Ardentemente desejamos o prompto e completo restabelecimento do esclarecido parocho, porque, além da estima que lhe votamos, todos os seus parochianos, que são outros tantos amigos de sua ex.ª, anceiam pelas suas melhoras.

— Passa hoje o primeiro anniversario natalicio da filhinha mais nova do nosso bom amigo e considerado clinico d'esta cidade, o sr. Pereira da Cruz, a quem porisso felicitamos.

Thermas e praias.—Regressou de Luzo á sua casa de Estarreja, com sua ex.ᵐᵃ filha, o sr. dr. Alexandre d'Albuquerque Tavares Lobo, dig.ᵐᵒ juiz das execuções fiscaes.

— Partiram para a praia de S. Bartholomeu do Mar, os nossos prezados amigos, srs. Abel Manuel Joaquim de Queiroz e dr. Gonçalo Joaquiz Fernandes Vaz.

— Regressou da Barra com sua familia o nosso collega do *Districto de Aveiro*, sr. Antonio Augusto de Souza Maia.

— Tambem d'alli regressou já a Aveiro a familia do sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa.

— Partiu com sua ex.ᵐᵃ esposa e sogra para a Barra, o nosso amigo, sr. Firmino de Souza Huet.

— Foi tambem para alli o sr. Salgueiro, tenente de cavallaria 10.

— Parte para S. Jacintho com sua esposa, o sr. Antonio Maria Ferreira, considerado industrial lisbonense.

— Para a Barra sahiu já tambem d'aqui o sr. Francisco da Costa Junior.

— Regressou d'alli o esclarecido director do conceituado *Collegio Aveirense*, sr. dr. Antonio José R. Soares.

— Para a Torreira partiu com sua familia o sr. João Maria Amador.

— Partem ámanhã para a Costa Nova o nosso prezado amigo e considerado facultativo d'esta cidade, sr. dr. Pereira da Cruz, e sua ex.ᵐᵃ familia.

— Para a Barra foi ha dias tambem a secção José Estevão do Asylo Escola Districtal.

Fallecimento.—Está de luto o nosso presado amigo e distincto collaborador, sr. Elysio Freire d'A. Pessoa, pelo fallecimento de sua chorada tia, a sr.ª D. Antonia Leonor de Brito Caldas.

Senhora de nobilissimos sentimentos, dotada das qualidades que mais distinguem uma mulher da melhor sociedade, a sua passagem pela terra foi um exemplo de virtudes, que lhe conquistaram uma alta veneração e um profundo respeito por quantos tivessem o prazer de conhecel-a.

Admiradores da verdadeira nobreza de qualidades que a distinguiam, amigos dedicados da familia que n'ella tinha um conselho e um modelo, enviamos a todos a expressão sincera do nosso profundo pezar.

Asylo-Escola Districtal.—Está despertando verdadeiro enthusiasmo em Espinho a secção Barbosa de Magalhães do Asylo Escola Districtal de Aveiro.

A importante colonia balnear d'aquella praia, recebeu alli com festivas demonstrações os pequenos asylados, que teem sido alvo das mais fidalgas attenções e da provada bizarria da parte mais illustrada dos banhistas d'alli.

Ao entrarem na *gare*, onde os aguardava uma multidão enorme, compacta, que enchia ainda varias ruas d'aquella magnifica praia, foram acolhidos com uma ardente salva de palmas, que se repetio por vezes no seu trajecto, ornado de bandeiras até á casa que habitam, queimando-se centenas de foguetes, demonstrações que enchiam de viva satisfação aquelles espiritos juvenis, a quem a caridade d'um illustre filho d'esta terra proporcionou o bem que desfructam e a felicidade de que gozam.

A fanfarra tocou durante o percurso, e pouco depois no coreto da praça, e a multidão ouvia-a enthusiasmada.

A' noite, a convite dos directores da assembleia, foram alli tocar nos intervallos das dansas, promovendo-se lhes uma subscripção que attingio logo uma somma de 12:800 réis, figurando entre os subscriptores os nomes dos srs. marquez de Reriz, conde da Foz d'Arouce, conde de Castello de Paiva, barão de Lencastre, dr. José de Sampaio, Francisco Furtado de Mello, Joaquim de Sá Couto, conde da Borralha, C. Monteiro, etc. etc. Foi-lhes depois servido alli um explendido copo d'agua. Os banheiros, á porfia, disputavam o prazer de dar lhes o banho, resolvendo-se, afinal, que todos se auxiliem n'esse serviço, gratuitamente.

De muitas outras attenções e beneficios estão alli gosando os pequenos militares, que a philantropia e a generosidade do bom povo de Espinho e dos seus actuaes habitantes está pondo n'um relevo consolador.

A camara municipal d'este concelho, a quem diariamente são dadas informações do que alli se passa, está deveras penhorada com taes manifestações aos asylados. Ella que, pela iniciativa prestante do seu digno presidente em exercicio, tem levantado a sympathica instituição até ao ponto culminante em que se encontra, não podia, realmente, deixar de congratular-se com tão penhorantes demonstrações de sympathia.

Se alguma coisa de util fez no poder o ministerio de 92, foi a passagem do Asylo-Escola para a camara, e isto porque na de Aveiro estava o sr. dr. Alvaro de Moura, a quem acertadamente foi distribuido esse pelouro.

Tem sua ex.ª por tal modo elevado a creação piedosa do sr. dr. Barboza de Magalhães, que ella é hoje a primeira instituição d'esta natureza no paiz. Não somos nós os unicos a reconhecel-o. Dil-o toda a gente, porque é esta a verdade inteira.

A ida para Espinho da secção Barboza de Magalhães do Asylo-Escola Districtal, promovida por subscripção entre os commerciantes d'alli, que fizeram entrar já nos cofres do municipio a quantia apurada, trouxe inegaveis beneficios para os pequenos.

O sr. dr. Alvaro de Moura pensa na creação d'um fundo destinado a soccorrel-os á sua sahida do asylo. Esse fundo, com o producto de generosas offertas, espectaculos, etc., augmenta dia a dia, e pelo que vemos crescerá muito em Espinho, onde se promove quasi diariamente quetes, subscripções, etc., para os asylados. Tornam-se alli, além d'isso, conhecidos de nacionaes e estrangeiros. Não temos, pois, senão que louvar a camara pela sua resolução e congratular-nos com ella pelas manifestações de apreço de que aquella secção do Asylo-Escola, que é decerto a mais util e a mais sympathica, está sendo alvo em Espinho.

Manuel Ançã.—E' este nome o que occupa hoje a nossa attenção, e bem merecida que ella é. Conhecemol-o creança, cresceu no trabalho honrado da vida do mar, e dedicou-se depois como seu bom irmão, á vida ecclesiastica em que já é distincto; e não é sem prazer que assim o classificamos e que assim o vemos classificado. Amigos de seu honrado pae, apreciadores sabidos e insuspeitos das qualidades pouco vulgares d'esta familia de trabalhadores do mar, dedicados admiradores dos predicados que distinguem o caracter de seu prestimoso irmão, o rev.º conego José Maria Ançã, possuimos o prazer das suas antigas relações e folgamos de vêr como em meritos sóbe e se dilata o seu nome.

O rev.º Manuel Ançã, um moço ainda, prégou pela primeira vez, no dia 1 do corrente mez, na terra que lhe foi berço, na terra que o conta já no numero das suas illustrações. E muitas illustrações tem Ilhavo produzido, pois que foi alli que nasceram o Santo arcebispo d'Evora, os Rochas Fradinhos, os Cellestinos Emygdios, magistrados que honram a alta judicatura portugueza; os Ferreiras da Cunha, magistrado superior administrativo, e ainda outros de honrado nome.

Manuel Ançã distingue-se já na sua classe e no seu meio.

Noticiando a festividade que alli teve logar, e a que já nos referimos, um collega nosso diz e com verdade, que com prazer registamos—com verdade muito restricta, devemos dizel-o, o seguinte:

SENHOR JESUS DOS NAVEGANTES

«Como se sabe, é esta uma das mais primorosas festas que em Ilhavo se celebram, por ser o Senhor Jesus, representado na sua formosissima Imagem, o patrono, o guia, o norte, o refugio da numerosissima classe maritima ilhavense que, briosa como é, se orgulha e esmera em prestar, uma vez por anno, no 1.º domingo de setembro, todo o seu culto e admiração ao Senhor Jesus dos Navegantes. Este anno foi esta festividade magnifica, sob todos os pontos de vista. Sabbado á noite, muito fogo, illuminação e musica. Domingo, antes da missa do dia, a attrahente cerimonia dos *ramos*, entregues aos novos mordomos. A' missa, o vasto templo parochial ilhavense, regorgitava de gente, ávida de vêr o desempenho da musica, que era da capella *Ilhavense*, e de ouvir e apreciar o formoso discurso do querido filho d'Ilhavo, sr. padre Manuel Ançã, esclarecido professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Beja e que, pela vez primeira, se fazia ouvir na terra que lhe fôra berço. Após o Evangelho, subiu ao pulpito o sympathico levita que, com uma correcção e garbo deveras captivantes, começava por bem predispôr o numerosissimo auditorio. Como Manuel Ançã possue todos os dotes e requisitos necessarios ao bom orador, concorreram elles para muito abrilhantar o seu elegantissimo discurso—perola de primeira agua, engastada no polido oiro dos seus admiraveis pensamentos. Cada palavra, cada phrase que proferia era qual termo dos mais cuidadamente escolhidos no vocabulario portuguez, sem nunca descer aos logares communs da estafada rhetorica. A apologia da Religião e os seus beneficos effeitos na sociedade, foi por elle feita d'um modo brilhante e ao mesmo tempo persuasivo e convincente. A descripção das tempestades e dos naufragios, no alto mar—parte obrigada nos discursos d'esta festividade—foram d'uma naturalidade commovedora, como só os sabe fazer quem, como Manuel Ançã, é um pratico, a fallar por experiencia propria. Sem pretender fazel-o nem sequer o suspeitar, commoveu profundamente os que o escutavam, com a mais profunda attenção. Emfim, este discurso foi genial e brilhantissimo. A sua dicção facil, o seu accionado correctissimo, a sua presença insinuante e o seu estylo encantador, levaram a todos a convicção de que Manuel Ançã sobre ser já hoje um primoroso orador sagrado, está destinado a ser um gigante da tribuna, cujo nome a historia ha-de registar em lettras fulgurantemente doiradas. A formosa terra d'Ilhavo tem hoje mais este filho, que tanto a honra, a alçapremar-lhe os fastos das suas grandes glorias.

Um affectuoso abraço ao talentoso orador e com elle os nossos ardentes desejos de que as auras da felicidade lhe continuem a glorificar o nome, já illustre e admirado. O sr. Ançã, bem como seu respeitavel pae, sr. José Ançã Junior, e irmão conego José Maria Ançã, foram muitissimo felicitados e assás visitados pelas pessoas mais importantes d'Ilhavo e algumas de fóra.»

Como dizemos, o que acaba de lêr-se contem apenas verdades muito restrictas. Pessoas que o ouviram, clerigos illustrados e cavalheiros de incontestavel competencia, confirmam o que acaba de lêr-se. Felicitando o novel orador pela sua auspiciosa entrança na carreira da oratoria sagrada; felicitando seu honrado pae e seu sympathico, illustrado e bondoso irmão, que lhe tem sido protecção e exemplo, cumprimos apenas dever de antiga e sempre provada amizade.

Policia dos caes.—Por vezes nos temos já dirigido ao sr. capitão do porto pedindo as providencias necessarias contra o abuso que se está praticando nos ancoradouros dos barcos saleiros, nos caes da cidade, e não temos até hoje sido attendidos. Pois bem melhor obraria sua ex.ª attendendo o que de justiça parece a todos attendivel; e que nos não vejamos forçados a voltar ao assumpto, são os nossos melhores desejos.

O que os barqueiros estão fazendo não póde, não deve consentir-se. E um abuso intoleravel, que põe em grave risco quem tem de passar na ria, pelo estreitissimo espaço que lhes deixam para passar. Hontem á noite assistimos nós a um desastre no caes do Alboy, que podia ter sérias consequencias. Vinha do Cojo um moliceiro, e ia para lá uma bateira com varios individuos. Quando poderam vêr-se uns aos outros, era difficil recuar, e deu-se o choque, que produziu arrombamento em ambos os barcos. Ora ninguem os compra para os perder por um simples capricho dos carregadores saleiros ou por um imperdoavel desleixo de quem tem a seu cargo a policia da ria.

De novo pedimos providencias, e quando se não dêem forçar-nos-hão a voltar ao assumpto tantas quantas vezes seja mister para que nos attendam.

Valle do Vouga.—Sobre o caminho de ferro do Valle do Vouga, ha as seguintes informações:

Terminaram os estudos da variante de Ribeiradio. Deu um optimo resultado, pois o encurtamento no trajecto é de 6 kilometros. Andam agora os engenheiros no estudo da variante de Mozellos, com a qual esperam obter o encurtamento de mais 2 kilometros. A linha do Valle do Vouga é estudada sob a direção do sr. engenheiro Xavier Cordeiro, e tambem sob a sua direcção ha de ser construida.

Desastre e morte.—Hontem, pelas 5 da tarde, um carroção dos que da Serra ahi costumam vir á sardinha, apanhou na rua, em Esgueira, uma creança de 10 mezes, que, engatinhando, sahira da habitação, e com tanta fatalidade que horas depois estava morta. E' o eterno descuido das mães, a quem cabe uma grande parte, por ventura a maior, da responsabilidade. O carroceiro parece que está já preso.

«Revista da folha Official».—Começou a publicar-se na capital, editada pela Bibliotheca Popular de Legislação, um novo jornal que se occupa da publicação syntentica de todas as materias publicadas no *Diario do Governo*.

Ao novo jornal, desejamos as maiores prosperidades.

O tempo.—Noherlesoom, que tantas vezes se engana nas suas previsões, vaticinou bem d'esta vez.

Os temporaes dos ultimos dias da semana finda deixaram rasto por toda a parte. Aqui, no sabbado á tarde ouviu-se uma trovoada medonha, que encheu de susto os habitantes da cidade, e produziu estragos nos arvoredos, nos beiraes e nas plantações. Começando perto das 5 horas, durou até quasi á noite, ribombando o trovão continuamente, chovendo sempre e socegando apenas completamente pela noite adeante.

O dia de domingo foi de aguaceiros fortissimos. Choveu sempre, mas fez-se depois uma bella noite, de luar claro, formosissimo.

O dia de segunda-feira apresentou-se melhor, mas não deixou de chover tambem. Hontem á tarde choveu ainda.

Trabalho de pesca.—No domingo e na segunda-feira houve trabalho em quasi todas as costas, mas com o resultado sabido—quasi nullo para a producção. Hontem o mar appareceu embravecido a ponto de não permittir transpôr a borda. Apesar d'isso, e com risco bastante, duas das companhas que trabalham em S. Jacintho passaram, mas o resultado não correspondeu á temeridade do esforço:—pesca pa a uma, a mesma petinga, e em pequena quantidade: a outra deixou o sacco no mar! Continua, por conseguinte, a ser o mais cruciante infortunio a sorte da classe pescatoria.

Hoje o mar é um pouco melhor e talvez haja trabalho em todas as costas.

A safra do sal.—Com as chuvas dos ultimos dias, chegou a considerar-se terminada a colheita do sal. Como o tempo melhorou um pouco, como deixou de chover, os marnotos continuam o seu labor e é de crer que, continuando assim, ainda façam mais algum. O preço das ultimas vendas foi ainda o de 25$000 reis nas eiras a medida de 15:000 litros. Mas este preço não se sustenta, pois que tem de subir necessariamente.

As séstas.—Terminaram no domingo, as séstas dos operarios.

Os chapelleiros de Braga.—Os proprietarios das tres principaes fabricas de chapéos, d'aquella cidade, dirigiram uma representação a el-rei contra a pretensão da Companhia da Real Chapellaria a Vapor, do Porto, pretensão que se refere á concessão por espaço de 10 annos, de patente de introducção de nova industria para o fabrico de chapéos de feltro de lã e de *blouse*, flexiveis e gommados, por meio de cardas e outras diversas machinas. Os peticionarios alem de outros argumentos, dizem que esse systema de fabrico não é novo entre nós e citam factos para provar tal asserção. Esse documento é assignado pelos srs. Taxa & Faria, Almeida & Mattos, e Verissimo de Almeida & C.ª, donos das principaes fabricas de Braga.

Agricultura.—Escrevem d'Agueda o seguinte:

Já começaram as vindimas em alguns pontos do nosso concelho. Apesar das contrariedades do tempo e das variadas e terriveis molestias que ultimamente atacam os vinhedos, a colheita não é inferior, senão superior, á do anno ultimo.

— Dizem de Marcos de Canavezes:

Os vinhedos soffreram graves revézes, devido ao *black rot*; todavia, desde a semana passada, parou essa terrivel molestia.

Já se começaram as colheitas do milho, principalmente nas margens do Douro, e brevemente se começarão as do vinho, o qual está quasi maduro.

A feira, que se realisou no dia 15, n'esta villa, esteve boa, fazendo-se muitas transacções e sendo o gado bovino vendido por preço elevado.

— De Santarem, communicam:

N'uma reunião de viticultores, que se realisou n'esta cidade, foi resolvido telegraphar ao sr. minstro da fazenda, pedindo para não resolver o pedido dos commerciantes de vinhos do Porto, sobre a questão do alcool, sem ouvir os vinicultores. Foi approvada uma representação ao governo no sentido de ser modificado o decreto de 23 de agosto findo, nos seguintes pontos:—Primeiro, livre fabrico de agua-pé; segundo: não haver limite de agua nas adegas; terceiro: que a fiscalisação das adegas não seja feita do modo indicado no referido decreto. Foi tambem deliberado que na acta da sessão se exarasse um voto de louvor ao sr. ministro das obras publicas pelo interesse que tem mostrado nas questões vinicolas.

— Dizem-nos da Figueira:

Começaram já as vindimas no nosso concelho, e os lavradores acham-se satisfeitos com a producção, que é superior em geral á do anno passado, principalmente para aquelles que não descuraram os diversos tratamentos da vinha.

Salinas.—Referem da Figueira que as ultimas chuvas vieram prejudicar muito os trabalhos das salinas, tendo por isso subido o preço do sal, que corre actualmente por 1$600 o moio de 900 litros e 24$000 o wagon de 10:000 kilg., e com tendencias para alta, se porventura o tempo não melhorar e não permittir continuar-se na safra, que até ao presente está em menos de metade da do anno passado.

COLONISAÇÃO

E' do nosso collega *Le Portugal Financier*, o artigo que em seguida publicamos:

Portugal que soube descobrir e conquistar nos bons tempos da sua prosperidade, nunca logrou ser nação colonisadora. Datam de seculos os nossos emprehendimentos ultramarinos. Custou e custa ainda á mãe-patria grandes sacrificios a conservação do nosso dominio colonial. As expedições de Lourenço Marques em 1891 e 1895 são apenas um pallido reflexo das luctas gigantescas pelejadas por mar e por terra na Africa e na Asia. O que custaram Ceuta, Arzilla, Fez, Diu, Malaca, e a Occeania, póde calcular-se, mas não expor-se com baze certa, porque nas eras remotas como nas mais proximas, as estatiscas nunca primaram pela exactidão. Por tanto as guerras com os vatuas são apenas um ecco frouxo dos combates feridos com o Hidalcão, quando a India era governada por D. João de Castro, ou quando em Alcacer-Kibir o alfange mourisco abatia as cabeças das hostes e mesnadas, com cuja derrota o rei-cavalleiro sepultava nas areias d'Africa a nacionalidade portugueza.

Conquistado porém o territorio, o genio aventuroso dos descobridores não tratrava de fixar-se no solo ganho á custa de sangue, limitando-se a occupar militarmente o litoral nos pontos que se lhes antolhavam mais favoraveis ás relações com a metropole. Levantavam-se fortalezas e egrejas, explorava-se o commercio, mas do aproveitamento do sólo por meio da agricultura, é que muito pouco se curava. Os homens de guerra trocavam o brial pelo gibão, a lança e o escudo pela espada curta, e lançavam-se a chatinar com o fervor de quem se propõe a enriquecer depressa. Parecia que tinham o presentimento de que com o afundar-se a dynastia d'Aviz, que iniciou e consumou o espantoso feito de fazer sulcar as nossas esquadras

> Por mares nunca d'antes navegados,

o nosso dominio colonial havia de esmorecer e empanar-se, logo que a Hespanha addisse a herança jacente por a morte do cardeal-rei, fantasma irrisorio no meio da pleiade de heroes, a começar em D. Affonso Henriques e a terminar no moço desejado, cuja sepultura ficou ignorada.

*

As guerras da conquista e as da conservação das nossas possessões ultramarinas não fizeram desenvolver no nosso continente europeu o amor da colonisação.

Pelo contrario. Só depois de retirar-se para o Brazil a côrte, quando Junot invadiu Portugal, é que seguiram para a America numerosos contingentes, com o proposito de evitar os desastres da guerra e que por lá ficaram e se estabeleceram a despeito da paz geral que baldeou em Santa Helena com o vencido de Waterloo. Da Africa e da Asia ninguem quiz saber para as colonisar. Só posteriormente a 1840 é que se fizeram algumas tentativas sobreposse,acreditando-se sempre que a Africa era uma região selvagem, cortada de pantanos, onde só o indigenna podia respirar desafogado. O preconceito foi-se desfazendo lentamente, e ao passo que para o Brazil e para os Estados-Unidos do Norte ha as levas de emigrantes que deixam o lar e a familia para se transportarem a climas mais inhospitos que os d'Angola e Moçambique, para estas regiões seguem pachorrentamente algumas dezenas de forasteiros, que vão tentar fortuna, porqne ouviram dizer vagamente que as culturas em S. Thomé e no Principe teem opulentado em poucos annos alguns homens que alli foram trabalhar, e que levaram apenas como auxilio na sua pequena bagagem muita dedicação e grande coufiança na sua actividade.

*

Os nossos governos permittem-se apenas dar aos que pretendem ir para Africa o seu apoio... moral. Anda-se em peregrinação pelo ministerio da marinha para arranjar passagem para um ou outro colono que pretende ir estabelecer-se n'aquellas regiões. Para esta classe ha apenas seis logares em cada viagem do paquete, quando o estado tem direito a mais algumas, segundo as condições estipuladas no contracto firmado com as empresas de navegação. As seis são apenas o limite minimo. D'aqui provém que os pretendentes esperam dois e tres mezes a sua vez. Isto descoroça-os, porque quem deixa a freguezia da sua naturalidade para ir para longes terras, é porque n'ella não encontra trabalho nem meio facil de grangear a vida. Portanto não é com os expedientes até aqui adoptados que se ha de mudar a corrente da emigração, que vae para o Brazil em vez de tomar o caminho d'Africa. Para alli pululam em todas as povoações os agentes das companhias de navegação, promovendo a partida dos nossos compatriotas. Emquanto que para Africa... vão só os passageiros officiaes, suas familias, e os seis colonos que por empenhos conseguiram arranjar passagens nos logares de 3.ª classe.

Causa tristeza o confronto. Faz pena ver o desamor com que são tratados assumptos d'esta importancia. E se o desanimo lavra em nós mesmos, sirva a licção alheia de estimulo, para que de futuro se reformem os costumes. Ahi vae uma nota que se não vibra por espaventosa, merece ser tomada em consideração pelos nossos homens de governo.

*

A França conquistou Alger em 3 de julho de 1830. As guerras que teve de sustentar com os indigenas não absorveram só homens e dinheiro; distrairam-lhe tambem as attenções, mesmo porque pouco depois deu-se a queda de Carlos X, e consequentemente uma grave perturbação na existencia d'aquelle povo. Mudadas as instituições, teve de estabelecer-se o novo governo em bazes novas e com gente nova. Por tanto o serviço de colonisação esteve paralisado e ainda assim conforme a estatistica official obtiveram-se valiosos resultados até 1889, que é exactamente o ultimo periodo de que temos conhecimento.

Muito lenta no principio, a colonisação teve a difficultal-a trez elementos valiosos, a saber:—A guerra, o clima e as epidemias. Foi só sob a direcção do marechal Bugeaud que a colonisação teve um rapido augmento. Ao principio predominou a população estrangeira. Foi só em 1851 que a França comprehendeu o alcance de fazer derivar para Alger a corrente que até ahi seguia para outros pontos. Recorremos por tanto á estatistica official para o demonstrar.

Annos	Francezes	Estrangeiros
1833.......	3.483	4.329
1840.......	11.000	14.000
1845.......	48.000	61.126
1851.......	66.050	65.233
1886.......	220.000	205.000
1889.......	262.000	230.000

O augmento da população europêa em Alger faz-se actualmente na proporção de 800 por 1.000 sobre a emigração, e na de 200 por 1.000 sobre a naturalidade. O governo simplificou o expediente quanto á naturalisação dos estrangeiros. Exige-se apenas 21 annos de edade e trez de residencia. O numero dos naturalisados é todavia restricto. São em geral allemães e suissos, seguem-se italianos e hespanhoes. Actualmente a colonia hespanhola conta 130.000 individuos. Em 1870 o governo de Tours, apesar da guerra franco-allemã, concedeu a naturalisação collectiva aos judeus. Foram de então para cá reconhecidos como cidadãos francezes, pagando imposto, fazendo serviço e com direito de votar nas eleições administrativas e politicas. O numero dos judeus é de 43:000.

A população indigena compõe-se de muitas agrupações, taes como arabes, mouros, negros, etc. Eleva-se a sua cifra a 3:274:060 habitantes. Os negros que foram levados a Algeria como escravos, por decreto de 27 de abril de 1848, isto é pelo governo da segunda republica, foram declarados livres.

Facilita a França o transporte do continente para a sua colonia africana de quantos queiram ir alli estabelecer-se. Porporciona-lhes vantagens. Assegura-lhes trabalho. Concede-lhes muitos terrenos para cultivar. Finalmente adoptou todos os meios que a experiencia aconselha a pôr em pratica sempre que uma nação toma a sério o encargo de colonisar.

Em Portugal, conforme a representação da associação commercial de Loanda, o governo carrega a pilha dos impostos aduaneiros... para que os naturaes do paiz vão negociar com os estados confinantes, onde são mais reduzidos os direitos de importação, e por tanto onde se vendem mais em conta os productos que a Europa manda á especulação para aquellas já hoje conhecidas regiões. Compare-se o procedimento dos nossos estadistas com o que se passa na Africa belga e franceza. O que tudo isto está exigindo é uma reverendissima reforma.

AS REFORMAS TRIBUTARIAS

O artigo que abaixo transcrevemos, subordinado a esta epigraphe, é ainda do excellente jornal *Le Portugal Financier*:

A exemplo dos ministros da republica franceza e de outros, cujas instituições não se moldam nos principios da democracia, o actual chefe do gabinete e ministro da fazenda, aproveitando o banquete que na Figueira lhe offereceram os seus correligionarios politicos, não teve duvida em asseverar, que se lhe antolhava senão propicia pelo menos muito mais facil a questão financeira, que de 1890 para cá tem preoccupado os nossos estadistas. S. ex.ª n'um brinde que levantou á formosa estancia, que é hoje ponto de reunião para quantos preferem aquella praia ás que florescem n'esta quadra no nosso extenso littoral, proferiu as seguintes notaveis palavras: «Declaro que não ha pendente questão alguma importante, e que apezar das consideraveis despezas feitas com a expedição de Lourenço Marques, espero que não haja *deficit* no corrente exercicio.»

Muito bem. Nós registamos as declarações do sr. Hintze, e apresentando-as como synthese do seu programma governativo, ousamos esperar tambem que s. ex.ª não consinta em que sejam desmentidas pelos factos. Ha muito que fazer para o aperfeiçoamento do nosso regimen tributario. A contribuição industrial ultimamente decretada contém taes durezas, que equivale a atrophiar o trabalho nacional. As taxas aduaneiras foram por tal fórma exageradas, que não é só em Africa que esmagam a actividade do commercio. Na metropole a experiencia reputa-as insustentaveis. Aquillo não é systema de protecção dada ás nossas industrias cazeiras. E' o regimen esfolador em acção. O consummidor é sacrificado ás theorias dos nossos economistas manchegos, e em vez de se baratearem os productos no mercado, obrigaram-nos a encarecer com a legislação mascavada que ahi pozeram em vigor, allegando que não podia haver protecção ao trabalho nacional, sem opprimir com rigorosa tributação os generos estrangeiros. Mas o premio do ouro não era já de per si auxilio valioso para os productos similares?

Foi só o furor de criar receita quem levou a administração de 1892 a augmentar as taxas aduaneiras. Dizem-n'o as reclamações da associação commercial de Loanda, e prova-o o testemunho do commercio de Lisboa e Porto. Porque se hesita pois em reduzir as mesmas taxas, que são um incentivo para o contrabando?

Como o parlamento tem de abrir-se a curto trecho, ahi ficam esboçadas duas reformas, em que deve collaborar o poder legislativo.

O PASSADO E O PRESENTE

E' do nosso esclarecido collega *Conimbricense*, de 7 do corrente, o artigo que segue:

Diz-se que o governo se resolveu finalmente a mandar proceder ás *intituladas eleições*. E' pena que não continuasse indefinidamente a manter o absolutismo de facto, que ha muito tempo se tem exercido n'este paiz. Quando, porém, se resolvesse a convocar o *chamado parlamento,* era preferivel que nomeasse os deputados, como se nomeam os empregados publicos. Assim evitava o incommodo aos eleitores.

O governo montou a machina eleitoral de fórma que não podessem sahir *eleitos* deputados senão os individuos que elle quizesse. Este systema é uma burla indecente e bem *para-lamentar*. E na verdade é bem *para-lamentar* que tantos liberaes expozessem e déssem a sua vida, a fim de derrubar o governo absoluto, vendo-se ahi hoje o absolutismo, senão estabelecido de direito, ao menos de facto, para vergonha d'este paiz.

Na proxima terça-feira, 10 de setembro, faz 64 annos, que em egual dia e mez de 1831 foram fuzilados em Lisboa, 18 liberaes; e no dia 22 d'este mesmo mez faz egualmente 64 annos, que n'aquella cidade foram fuzilados mais 21 desditosos liberaes—ao todo, só em um mez, 39 fuzilados!

Pois hoje temos em exercicio uma burla eleitoral de tal ordem, que os dois partidos—*republicano e progressista*—se vêem obrigados a deixar á vontade o governo, o qual poderá mandar ás côrtes quem lhe approve de chancella, tudo quanto elle queira.

*

A compressão exercida no direito mais sagrado dos cidadãos tem provocado n'este paiz grandes movimentos populares, de que os governos e os seus altos protectores foram os culpados, porque ousaram lançar a luva á nação. Em 3 de junho de 1836 o governo não contente de se indispôr com o paiz, pela sua administração esbanjadora, e pelos seus escandalosos favoritismos, dissolveu aos côrtes, porque não contava com ellas para plenamente approvarem os seus actos. Nas eleições immediatas venceu o governo em quasi todos os collegios eleitoraes, porque lançou mão para isso dos meios vexatorios usados pelos governos atrabiliarios. Ainda assim venceu a opposição no collegio eleitoral do Porto.

Os deputados alli eleitos foram embarcados em um vapor para Lisboa, onde chegaram no dia 9 de setembro, faz na proxima segunda-feira 59 annos. Com receio de alguma manifestação popular, o governador civil, Joaquim Larche, prohibiu que se deitassem foguetes, quando chegassem os deputados da opposição, e tomou outras providencias repressivas. A indignação popular tinha chegado ao maior auge, pelo que não obstante as prohibições, os deputados da opposição foram recebidos no Tejo por numerosos populares embarcados, subindo de toda a parte ao ar numerossimos foguetes. Ao desembarcarem os deputados romperam os gritos de *abaixo o ministerio*! E logo em seguida se levantaram os vivas á *Constituição de* 1822.

Passado pouco tempo a manifestação estava transformada n'uma revolução geral; e a rainha D. Maria II, protectora do seu querido ministerio, via-se obrigada a demittil-o, nomeando um ministerio popular. A mesma rainha na manhã do dia immediato, 10 de setembro, teve de ir á casa da camara municipal jurar a *Constituição de* 1822, com as modificações que as côrtes lhe fizessem.

*

A rainha D. Maria II ainda não estava desenganada, pelo que na noite de 2 para 3 de novembro do mesmo anno de 1836, sahiu do paço das Necessidades para o de Belem, acompanhada pela sua numerosa camarilha. Ahi demittiu o ministerio popular, e nomeou outro reaccionario da sua feição. Logo que este golpe de estado constou em Lisboa, tocou a rebate em toda a cidade, reunindo-se os batalhões da guarda nacional e muito povo, marchando todos na direcção de Belem.

A rainha era protegida pelos ministros de Inglaterra e da Belgica, e por isso requereu o auxilio das forças inglezas, as quaes effectivamente desembarcaram no sitio da Junqueira. Este attentado á independencia nacional irritou de tal modo o povo, que a rainha D. Maria II teria n'essa occasião irremediavelmente de sahir do paiz, se não fosse a firmeza com que o patriota, Manuel da Silva Passos, declarou á rainha, a qual estava cercada dos seus camarilheiros, que se não mandava desde logo reembarcar as forças inglezas, deixava de ser rainha de Portugal. Com effeito essas forças reembarcaram, e o povo, influenciado por Manuel Passos, deixou regressar tranquillamente a rainha ao paço das Necessidades.

*

O que a rainha não poude conseguir de 2 a 5 de novembro de 1836, promoveu-o depois, fomentando e protegendo os revolucionarios, a tal ponto que alguns dos chefes da revolução sahiram do proprio paço real. Era a rainha feita revolucionaria contra o governo popular e a Constituição de 1838, que as côrtes constituintes tinham approvado.

*

Em agosto de 1845 fizeram-se as eleições mais torpes e desaforadas que se tinham visto em Portugal. A historia das perseguições e infamias praticadas para suffocar a vontade nacional levaria volumes. A rainha para demonstrar publicamente que sancionava tão grandes attentados foi, um mez depois, em setembro seguinte, pessoalmente a casa do ministro, a quem mais se deviam as arbitrariedades e oppressões, nomeal-o ahi mesmo conde!

*

Tão grandes crimes contra os direitos eleitoraes dos cidadãos, e o systema de violencia e despotismo estabelecido pelo governo, provocaram a revolução popular e nacional d'abril e maio de 1846, a qual triumphou, expulsando do poder o ministerio.

Apesar d'isso, novamente tratou a rainha de subjugar a vontade nacional, para o que levou a effeito a famosa *emboscada* de Belem em 6 de outubro do mesmo anno. Contra este attentado se insurgiu outra vez o paiz, e a tal ponto que a não ser a intervenção de tres nações estrangeiras, a instancias da rainha, a revolução triumphava.

*

Posteriormente as côrtes eleitas em dezembro de 1847 approvavam tudo quanto queria o governo; incluindo a despotica *lei das rolhas*, de nefanda memoria, contra a liberdade de imprensa. Estes e muitos outros escandalos provocaram em abril de 1851 um movimento revolucionario, iniciado pelo duque de Saldanha, ao qual em breve deu todo o apoio o partido popular. Quando o duque de Saldanha chegou em maio a Lisboa, indo do Porto triumphante, foi recebido no Tejo e na cidade com as mais vivas demonstrações de alegria. Nunca se tinha visto em Lisboa cousa egual

A' noite foi o duque de Saldanha ao theatro de S. Carlos; e ahi recebeu uma tremenda e severa lição a rainha D. Maria II. O theatro estava cheio de espectadores, e na occasião em que appareceu no camarote real o duque de Saldanha, foi elle ahi recebido com uma ovação indescriptivel. Ao mesmo tempo a rainha D. Maria II, que pouco tempo antes havia demittido dos seus empregos e honras ao duque de Saldanha, viu-se obrigada a estar de pé, junto d'elle, passando pelo vexame de nem um unico viva se lhe dirigir, emquanto o duque era o alvo dos mais enthusiasticos vivas! Eis ahi o que nos dizem os factos da nossa historia politica, os quaes convém tornar bem conhecidos da actual geração, que em geral os ignora.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

COMMUNICADOS

Esta villa apresenta hoje um aspecto verdadeiramente deslumbrante. Após um estado anarchico, produzido pelos ultimos acontecimentos, vem, pois, hoje, esta nobre terra, dar aos seus filhos profundamente magoados, um premio de consolação.

O movimento aqui, e que ora se observa faz lembrar o renascimento do quer que seja de encantador, a que esta pobre gente já não está acostumada; pois tudo lhe tem ido de mal a peior... Emfim, agora é certo!!!... Agora é que a Batalha vae mostrar quanto póde e quanto vale!... Isto era dito pelos regeneradores ao offerecerem-nos o tal premio... Esperavam os taes regeneradores, que o sr. Hintze Ribeiro fôra mais prodigo com elles que o sr. José Dias Ferreira, que quando presidente do conselho de ministros lhe promettera vir á Batalha, e honrar com a sua ministerial presença aquelles que tão anciosamente esperavam a sua *santa* vinda; mas por que, já n'essa occasião dizia *que tinha, mas que não vendia*, deixou de vir abrilhantar o mercado com o producto do seu laborioso negocio... Agora não é o Zé Dias que promette vir á Batalha, porque d'esse não acreditavamos nós, pois nos enganou duas vezes... Agora é o sr. Hintze Ribeiro, que costumado a não rir, é sério no que promette... Alugam-se carros, phylarmonicas, compram-se grande numero de foguetes, prepara-se um explendido jantar, profila-se a vereação da camara municipal, a auctoridade administrativa ordena aos cabos de policia que cada um se faça acompanhar por tres homens, pois o sr. Ernesto de certo não faltará hoje a visitar os seus correligionarios Batalhenses, e é preciso numero para formar o cortejo!

Nós anciosos para vermos a brilhante ovação que se preparava á presidencia ministerial, não perdiamos um momento de vista á estrada da Golpilheira por onde nos diziam devia nascer a aurora consoladora... Quando embebidos n'este panoramma delicioso, fômos surprehendidos pela telegraphica noticia de que o homem não vinha, ficamos para não viver; e a Batalha que com tanta certeza nos tinha promettido um bello dia e que tão apparatosa se mostrava, torna ao seu lugubre aspecto, e ficamos sem receber o premio que com tanto gosto acceitariamos... Mas não. A Batalha está condemnada a não receber visitas tão importantes.

O sr. José Dias faltou, como dissémos, duas vezes, e o sr. Ernesto faltou uma, cremos porque não prometteu mais. Tirem-lhe a consequencia e fiem-se n'elles, que vão bem guiados.

Batalha, 7—9—95.

Z.

NOTICIAS DIVERSAS

Alphonse Daudet.— Entre os acontecimentos litterarios que se annunciam para o proximo inverno, um dos maiores será indiscutivelmente o *Susten de familie* de Alphonse Daudet. O illustre escriptor francez dá-lhe a ultima vista afim de o enviar á composição. Trabalhador infatigavel, a dolorosa enfermidade nervosa, de que soffre ha mais de dez annos, não consegue abatel-o nem expulsal-o da brecha, em que a arte moderna, reflexo natural dos costumes do seu tempo, estudados e criticados com peregrino engenho, tem em Daudet um luctador valoroso. Na sua casita de campo de Champrosay, rodeada de flôres e de verduras que se ergue junto á egreja do povoado, occupa-se o notavel escriptor de seus trabalhos. O thema de *Susten de familie* será a corrupção politica, assumpto de palpitante actualidade, o que duplicará o interesse de sua leitura. Abrirá por uma carta authentica dirigida a Daudet por um desgraçado, pedindo-lhe para olhar por seus filhos, pois ia pôr termo á vida.

O romance é a historia do filho primogenito, que deve sustentar seus irmãos e ser apparentemente, o responsavel por sua familia. Apiedados pela sua situação, todos acodem em seu auxilio. Emquanto em casa todos o afagam, e fóra d'ella todos o protegem, decorrendo assim a sua vida doce e tranquillamente, o irmão mais novo trabalha sem descanço, sacrificando-se por elle que conquista todas as glorias. N'este livro, como na maior parte dos seus, Daudet procurará exercer uma acção moral, cumprindo assim com o primeiro dever de todo o escriptor que gosa do favor do publico. Tomando um facto da vida real que poude observar cuidadosamente, relata-o de tal modo que encerra em si proprio a moralidade e o ensino. Assim, no *Susten de familie*, a sua historia, tomada do natural, se desenvolverá em um terreno que se presta a uma pintura fiel e observadissima da correcção politica, que tão em evidencia pozeram e põem recentes escandalos. Segundo Daudet affirma, escolheu o momento em que a camara franceza está corrompida, sem que ella propria o saiba, comtudo, sem que o paiz o suspeite sequer. Em torno de Gambetta, sem chegar a contaminal-o, o dinheiro infiltra-se e começa, qual virus inficcioso inoculado no organismo politico, a corromper as consciencias que parecem mais sãs. Com taes elementos e o poderoso espirito de observação do auctor do *Nabab*, *Les rois dans l'exile* e *Le immortel*, é de esperar maravilhosos retratos de corpo inteiro de figuras conhecidas e não menos primorosas descripções, sendo as mais notaveis, segundo parece, a do Palacio Bourbon e a da famosa sala de *Pas perdus* da camara franceza, centro aonde acodem todos os pretendentes da capital como da aldeia, curas sertanejos e bispos, militares e empregados, velhos e jovens, commerciantes ou parasitas, emfim, todos os que tem alguma cousa a pedir ao deputado sob pena de... fracasso eleitoral e, tambem, todos os que vem offerecer, os corruptores de todo o genero. Tambem, parece, Daudet aproveitará algumas notas tomadas na sua recente viagem a Inglaterra, descrevendo a vida, em Londres, de um desgraçado sem casa nem lar, que leva as noites percorrendo custosamente, sem parar, as ruas da cidade e que passa os dias estendido sobre a herva dos *parks* comendo um pedaço de pão e bebendo uma pouca de agua. Assumptos de inspiração, como se vê.

A cortezia infantil.— Fundou-se, ha cerca de um anno, em Inglaterra, uma sociedade muito util, o *Club de cortezia infantil*. Os seus fundadores partiram do principio de que em todas as creanças ha um fundo de egoismo que se traduz por modos e palavras grosseiras. O fim principal do seu instituto é luctar contra essa tendencia, chamando a si o maior numero possivel de creanças e procurando incutir-lhes gosto pelas boas maneiras, pela affabilidade, pela correcção e limpeza do seu trajo. O *Club de cortezia infantil*, apezar de ter apenas um anno de existencia, conta já 700 membros, entre rapazes e meninas de 5 a 15 annos. Devem todos contribuir com um *penny* annual para o cofre da sociedade. Além d'isto, o joven *clubman* ou a joven *clubwoman* deve assignar um papel em que se obriga a observar o regulamento da associação.

Todos os *clubman* e *clubwoman* recebem um bilhete pessoal com os dizeres: *Não faças a outrem, o que não desejarias que outrem te fizesse*. No verso lêem-se os seguintes preceitos regulamentares:

A cortezia em casa:—Ajuda teus paes emquanto poderes. Sê bom para teus irmãos e irmãs. Não sejas egoista. Partilha com os outros o que possuires.

A cortezia na escola:—Sê respeitoso para com os teus mestres. Segue os regulamentos da escola. Não copies os trabalhos dos teus condiscipulos. Não esburaques a mesa com o teu canivete e não escrevas nas margens dos teus livros. Não soffras nunca que outrem seja castigado em teu logar, porque seria uma cobardia.

A cortezia durante o recreio:—Não armes brigas. Não mofes dos teus condiscipulos nem lhes ponhas alcunhas que lhes desagradem.

A cortezia na rua:—Cumprimenta os teus mestres e os teus amigos quando os encontrares, e elles te corresponderão. Não dês encontrões em quem passa. Não escrevas com giz nas portas ou nas paredes. Não estaciones diante das portas das lojas e não faças enraivecer os lojistas. Não deites cascas de laranjas sobre os passeios, nem rias dos velhos e aleijados.

A cortezia á meza:—Não leves a tua faca á bocca. Pensa em que os outros desejam e não sómente em ti. Não sejas glutão. Não falles com a bocca cheia nem ponhas os cotovellos em cima da meza.

A cortezia para comsigo mesmo, exige que cada qual seja honesto, sincero, que não empregue palavras grosseiras, evite as más companhias e que volte para casa, concluidas as lições e os recreios, muito limpo, com o fato bem escovado e sem rasgões.

A cortezia em toda a parte recommenda ás creanças que nunca sejam descortezes com ninguem, que se não esqueçam de dizer *se faz favor* ou *muito obrigado*. Antes de entrar em um quarto, deve-se bater á porta, e ao sahir fechar esta sem ruido. Nunca interromper uma pessoa de mais edade, etc.

Taes são as prescripções que as creanças se obrigam a observar. Todas as semanas são ellas lidas em alta voz em assembléa geral. E', sobretudo, nas classes pobres que a sociedade procura exercer a sua propaganda. A idéa pedagogica que a inspira é a educação mutua, a mais efficaz de todas. As creanças obedecem muito melhor a regulamentos que voluntariamente se impozeram, do que a ordens dos seus superiores. Em Lisboa, deviam crear-se *clubs* d'esta natureza, diz um nosso esclarecido collega. Tem-se pensado em muita cousa, mas até hoje ainda ninguem se lembrou de educar o gaiato, uma praga terrivel no nosso meio social, e transformal-o em um ente bem educado. A educação do gaiato constituiria, tambem, um excellente remedio de hygiene moral. O gaiato é quasi sempre o embryão do larapio, do vagabundo e ás vezes do assassino. Se o educassem não estaria a Casa de Correcção cheia nem o Limoeiro com uma freguezia sempre em crescendo por causa d'este triste abandono a que tudo está sendo votado.

Violenta trovoada.— Dizem de Caceres que no dia 3 do corrente se desencadeou sobre aquella cidade uma forte trovoada, acompanhada de chuva torrencial, que inundou varias casas. Nas aldeias immediatas de Caceres deram-se varios accidentes. Em Sierra Fuentes, uma faisca matou um homem e feriu outro gravemente. Na aldeia de Arroyo foram dous homens fulminados por uma descarga electrica. N'esta aldeia a trovoada assumiu um aspecto imponentemente horroroso.

Italianos e brazileiros.—Continuam a occorrer conflictos entre italianos e brazileiros em diversos Estados, como os de Minas Geraes e Espirito Santo, se dermos credito ao que transmittem as agencias telegraphicas. Os conflictos quasi sempre são com italianos que trabalham nas roças, nas obras dos caminhos de ferro, ou que se acham estabelecidos em algumas cidades, como succede em S. Paulo, onde a colonia italiana é numerosa, calculando-se em 80:000 para uma população de 150:000 almas, ou em 800:000 para a população do Estado de S. Paulo, que pouco mais é de 2.000:000 de habitantes.

192

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

DECIMA 3.ª PARTE

DESENLACE

XIII

PROJECTOS DE VIAGEM

Mathias Perez soube afinal que duas carruagens de jornada tinham partido pela estrada de França com differença de uma hora. Imaginou, pois, não sem fundamento, que deviam transportar Luiz Torrelamar, e o filho de Moran. Só passados dez dias conseguiu saber por um dos arrieiros que com mais frequencia percorriam a estrada, que em certo dia, a tal hora, um individuo quebrara uma perna ao cahir da carruagem, tendo de ficar por este motivo na terceira estação do caminho. Mathias escreveu particularmente á auctoridade local, para que lhe dissesse quanto havia de verdade no que lhe tinham dito. Cinco dias passou de mortal inquietação sem obter resposta á sua carta, até que no mesmo dia em que André havia de visital-o, recebeu uma carta em que lhe contavam tudo que succedera a Rodolfo.

— Ah! grande patife! agora não me has de escapar! exclamou Mathias com grande jubilo.

Duas horas depois, André perguntava-lhe pelo filho de Moran.

— Que tem conseguido descobrir, sr. inspector?

— Na mesma noite em que elle attentou contra a vida de Magdalena, partiu n'uma sege de jornada com direcção a França. Leia esta carta.

André leu detidamente a carta que Mathias recebera, e reprimiu um grito de alegria.

— Magnifico! exclamou fechando a carta e devolvendo-a ao inspector. E que tenciona fazer?

— O quê? prendel-o eu proprio.

— Não sou d'essa opinião.

— Porquê?

—Que adianta o senhor entregando-o á justiça?

— Tem razão; devo antes vingar-me d'elle particularmente. Mas noto uma difficuldade.

— Qual?

— A da viagem; só ámanhã sáe a diligencia, e n'este intervallo quem sabe o que póde succeder!

— E n'uma carruagem particular, que tempo se gastaria d'aqui á tal estalagem?

— Umas seis horas, levando bons cavallos.

— E' meio dia, disse André, ora partindo d'aqui a pouco, e descançando de duas a tres horas no caminho, poderiamos chegar ás onze da noite.

— Tudo depende dos cavallos.

— Isso fica por minha conta. Dentro em meia hora estou aqui. Fallemos de outra coisa: sabe o que succedeu com Moran?

— Não; não sáio de casa desde hontem.

André referiu ao inspector as scenas do combate. Ouvindo isto, Mathias alegrou-se bastante.

— Poderei fallar a D. Magdalena? perguntou elle.

— De certo. Mas não diga cousa alguma de Rodolfo.

— Bem, bem.

— Vejo-me na impossibilidade absoluta de o acompanhar, por que antes de regressar a casa do barão, tenho de cumprir um triste dever; mas irei procural-o dentro em uma hora, e d'alli sahiremos em direcção ao ponto onde está Rodolfo.

— Tem a certeza d'isso?

— Toda a certeza.

— Lembre-se que custa muito dinheiro o aluguer de uma carruagem de jornada.

—O barão emprestar-nos-ha a sua.

— E se não poder?

— Se não poder, gastarei os ultimos mil duros que possuo em vingar Magdalena.

— Isso é outra cousa.

Mathias metteu no bolso o seu diploma e um par de pistolas, pegou na bengala e no chapéu, e disse a André:

— Estou ás suas ordens.

— D'aqui a uma hora estarei em casa do barão.

Mathias caminhou a pé, e André subiu para a carruagem, dizendo ao cacheiro:

— Ao cemiterio de S. Luiz!

XIV

ADEUS!

O cemiterio nas aldeias é um logar triste, arido, uma funebre e fria mansão, onde em meio de muros arruinados com os cimos cobertos de vidros e de musgo, se vêem algumas lapides, nichos e cruzes de madeira. Nem uma arvore, nem uma flôr, nem uma ave, alteram a irregularidade monotona d'esta solidão da morte! Em Madrid, pelo contrario, os cemiterios, e sobre tudo o de S. Luiz, estão cheios d'esse encanto melancolico, d'esse attractivo fatal e mysterioso, que inspiram os logares solitarios ás almas meditadoras. Ha n'elles melancolicos cyprestes, frondosos chorões, e aves que cantam sobre os ramos estendidos por cima das sepulturas. Os cadavres estão alli nos seus nichos, como os livros em uma bibliotheca.

A carruagem parou a alguns passos da gradaria, por não ser possivel chegar á porta. O cemiterio estava triste. As arvores, despojadas de ramagem, negavam aos sepulchros a sombra protectora. As aves, alegria dos bosques, tinham fugido como espantadas d'aquella soledade. Para qualquer lado que se voltava a vista, encontravam-se negros crepes, flôres murchas, lampadas agonisantes, cirios amarellos, funebres corôas, humildes restos, emfim, das offerendas que os vivos consagram aos mortos no dia dois de novembro. André entrou no cemiterio. O guarda sahiu-lhe ao encontro, perguntando-lhe:

— Que pretende, meu senhor?

André puxou da carteira, e apresentou-lhe um bilhete em que se lia o numero da sepultura occupada por Julião. O guarda deixou-o passar, indicando-lhe as galerias da direita. Quantas idéas assaltaram o espirito de André atravessando aquelles passeios cobertos de folhas sêccas e flanqueados de arvores núas! Desde o primeiro momento, buscára com o pensamento e com a vista a sepultura de Julião. Ao pé d'ella, ajoelhada, silenciosa, n'essa attitude que revela pesar, avistava-se uma irmã da caridade, com as costas voltadas para o jardim. André chegou até alli, e contemplou com religiosa attenção a sepultura do filho de Martha, sobre cuja lapide se via a seguinte inscripção:

JULIÃO

10 De novembro de 18...

O moço artista começou a orar.

Passada meia hora, a irmã da caridade, que apesar de ter sentido os passos de um homem continuara rezando silenciosamente, levantou-se, dispondo-se a partir. André dirigiu-lhe um olhar cheio de doçura. Mas ao reconhecel-a soltou uma exclamação de surpreza e approximou-se tristemente. Era soror Martyrio.

— Anna! exclamou elle estendendo-lhe a mão.

— André! o senhor aqui?

— Venho prestar um tributo de saudade ao desventurado Julião.

— Ah! Em que momento e em que logar nos encontramos!

— Nos jardins da morte!

— Eu vim aqui, como tenho por costume, orar pela alma de Julião. Que noticias me dá de D. Magdalena?

— Magdalena e Paulo são felizes, porque encontraram, ella, um esposo apaixonado, elle, um pae honrado e affectuoso.

— E' possivel!

André contou a Anna o que succedera.

— Ah! volveu ella, já não guardo rancor a Moran.

— Elle e Rodolfo estão doentes.

— Mal posso furtar uma hora ao cumprimento dos meus deveres; mas logo que possa, irei visitar o sr. Guilherme e perguntar-lhe se precisa dos meus serviços.

— E' um anjo, e só Deus sabe a abnegação da sua alma; por isso fez bem em consagrar-se-lhe.

— Não fallemos n'isso, volveu Anna tristemente.

— Certamente não tinhamos nascido um para o outro, apesar do amor que n'outro tempo e por curto espaço nos attrahiu.

—Cale-se, cale-se! supplicou Anna.

— A senhora ha de ser mais feliz do que eu, porque finalmente encontrou um porto seguro onde abrigar-se das tempestades da vida; mas eu... eu ainda não sei qual é a minha missão sobre a terra.

— Confiar e esperar.

— Não: amar e padecer. Se alguma esperança tenho n'este mundo, é de que se aproximará cêdo a hora da morte. Anna apertou docemente as mãos do artista e derramou algumas lagrimas, em quanto elle a contemplava com ternura.

— O mundo acabou para nós, disse Anna.

— Mas ambos temos recordações, com que havemos de viver de hoje em diante. Anna guardou silencio. Teria durado mais tempo a contemplação em que ambos se extasiavam, se o guarda não viesse arrancal-os d'aquella especie de encantamento. André estremeceu, e quando volveu á realidade, pareceu-lhe ouvir uma voz dôce, harmoniosa e triste, que, confundida com o tanger do sino, lhe dizia:

— André! adeus para sempre!...

O artista volveu os olhos para o ponto d'onde a voz tinha partido, e viu Anna afastar-se, triste e silenciosa, pelas alamedas do cemiterio.

(Continua.)

Diz-se até que por esse motivo o governo do Estado de S. Paulo, para contrabalançar o elemento italiano que ameaça absorver a população nacional, favorece agora mais a introducção de portuguezes e hespanhoes.

PELO ESTRANGEIRO

Na China.—O caracteristico da inferioridade em que ainda se encontra o celeste imperio é a contorsão dos pés, que devem soffrer milhões de mulheres; ainda as que, por sua humilde condição tem que dedicar-se aos mais duros trabalhos. Segundo assegura Lockhar, no seu livro *The chinese and Japanese Repsitori*, começou a iniciar-se esse costume no anno 925. Certamente, porém, se propagou com muita lentidão, pois que nem Marco Polo, nem os outros viajantes da edade media sequer alludem a elle. Actualmente, está tão arreigado esse costume que, nas provincias do norte da China, excepto em Pekin, quasi todas as mulheres o seguem, ainda que se occupem em trabalhar na terra ou se empreguem em outras occupações tão rudes como esta. Na China meridional, as lavradoras não soffrem similhante contorsão; porém, nas cidades d'aquellas regiões, sujeitam-se a ella dois terços das mulheres e, ao que parece, de anno para anno se estende a moda. A operação dos pés na mulher é para os chinezes um distinctivo de bôa sociedade. Nenhuma joven poderá aspirar a uma casta superior se não se tiver submettida á tortura que impõe a lei da belleza feminina, transformando-lhe o pé em uma *açucena de ouro*. Os proprios paes que censuram taes usos praticam-os com suas filhas, para as não expôr a um celibato muito provavel. Na edade de cinco ou seis annos, envolvem-se em fachas os pés das meninas para dobrar os dedos, levantar o calcanhar e suster o desenvolvimento dos musculos. O sapato que lhe calçam é de forma triangular, para que o membro dobrando-se sobre si mesmo, adopte aquella forma, appareça mais pequeno, até reduzir-se a sete centimetros e meio de longitude. A atrophia do pé alcança, tambem, a perna e já definitivamente mutilada, a mulher china não pode mover-se nem andar com desembaraço senão a passos curtos e rapidos, balanceando-se com ajuda dos braços, balanço caracteristico que os poetas do paiz comparam ás ondulações do salgueiro. E' evidente que essa operação anti-natural augmenta a dependencia da mulher á casa.

Em Munich.—As representações wagnerianas que se estão realisando em Munich, attrahem uma grande concorrencia ao *Hoftheater*. O publico, formado de distinctas pessoas de quasi todas as nações europeas, invade, sempre que ha espectaculo, a enorme sala d'aquelle theatro e, apezar do grande calor que se faz sentir, ás seis em ponto da tarde, todos os espectadores se acham já em seus respectivos logares. Cinco minutos depois começa a funcção que termina, invariavelmente, ás dez e meia da noite. A famosa *Tetralogia* terminou em 22 do mez passado com uma magnifica representação da *Gatterdammerung*. Os seus notaveis interpretes foram chamados oito vezes ao baixar o panno, no ultimo acto. O tenor, muito novo, e que se chama Vogl, tem ante si um futuro brilhantissimo. A primeira tiple, madame Moran-Olden, possue uma voz muito robusta que eguala a sua tambem robusta physionomia, pouco propria para os palcos. Emquanto ás decorações, *eclairage* e *mise-en-scene*, todo o elogio seria pequeno, merecendo felicitações sem conta o intendente dos reaes theatros de Munich, Ernest Possandt. As representações successivas serão constituidas de *Tristan* e *Isolda* e dos *Maestros Cantores*. Para despedida de Possandt prepara-se uma representação modelo da *Nozze di Figaro* de Mozart, para a qual as decorações e os trajos, do mais puro estylo Luiz XV, serão uma maravilha. O barytono Victor Maurel e madame Adini, que cantou em Italia quasi todo o reportorio de Wagner, assistem assiduamente a estas interessantissimas audições.

As collecções de sellos.—Noticiámos já que o barão Fernando de Rothschild adquirira por quantiosa somma, 280:000$000, a collecção de sellos feita pelo duque de York, quando este principe era creança ainda. O barão de Rothschild, que tem a mania das collecções, queria apenas comprar os sellos raros que lhe faltavam; mas o principe não accedeu a isso, propondo a venda de toda a collecção. Depois de negociações mais ou menos longas, o barão sempre ficou com a collecção do duque de York, mas pagando-a por tão extraordinario preço. Este negocio levantou algumas censuras na Inglaterra, mórmente por se tratar de uma collecção de sellos que figura em primeira linha e que não devia sahir do paiz. O duque de York augmentou-a com o concurso e o auxilio de todos os chefes de Estado da Europa e da America, que pozeram á sua disposição não só os melhores exemplares, mas tambem os mais raros. Entretanto a melhor collecção de sellos que existe no mundo pertence a um individuo chamado Von Ferrary, que a segurou por uma somma valiosa. O duque de Coburgo-Gotha é tambem possuidor de outra quasi completa.

Os vestidos.—Duas notas para aquelles que actualmente extranham os preços elevados dos trajos de alguns dos membros das familias reaes. Um dos vestidos de Ricardo II de Inglaterra custou-lhe trinta mil marcos de prata. Por morte da rainha Isabel (1533-1603) acharam-se, em seu guarda-roupa, dois mil vestidos, a maior parte d'elles riquissimos. E não menos numerosa collecção de prendas e pedras preciosas, presentes que havia recebido em dias de festa e de principios de annos.

Uma exposição na Russia.—No proximo anno de 1896, a cidade russa de Nijni Novgorod prepara-se para realisar uma grande exposição nacional artistica, industrial e agricola. A iniciativa d'esta exposição parte do proprio governo russo, não se poupando nada para que a antiga cidade das margens do rio Oka possa hospedar confortavelmente os numerosos visitantes que espera.

A exposição occupará um espaço consideravel, mais consideravel ainda que o da exposição de Pariz de 1889. Entre outros attractivos ver-se-ha alli um immenso palacio de machinas, cujo zimborio central terá mais de 50 metros de largura. A abertura da exposição coincidirá com a feira annual que tanta celebridade dá a Nijni Novgorod e onde se reunem milhares de negociantes de todos os pontos da Russia e da Asia, ostentando os seus trajes nacionaes.

O theatro de Vienna.—O theatro da Opera Imperial em Vienna, publicou já o seu programma artistico para a proxima época. Representar-se-ha duas novas operas: *O grillo do lar*, libreto de A. Willner, extrahido de uma obra de Dickens e musica de Carlos Goldmark e *Walther von der Vogehveide*, libreto e musica, originaes de Albert Kandus. Esta ultima foi já cantada, com grande exito, no theatro allemão de Praga. No theatro Imperial de Vienna se representará, tambem, em principios do proximo anno, *La Navarraise*, de Massenet, e *Le Petit Chaperon rouge*, de Boieldieu, ainda não ouvida em Vienna. O celebre tenor Van Dyck fará, talvez, a sua estreia com *La Dame Blanche*. Para a inauguração da época está-se preparando um baile de grande espectaculo, intitulado *A viagem de Cupido*, em que se devem empregar decorações e trajos luxuosissimos.

O filho do emir do Afghanistan.—Depois de uma permanencia de tres mezes na Inglaterra, Nasrullah Khan, filho do emir do Afghanistan, embarcou com direcção á França, onde tenciona visitar detidamente Pariz e partir em seguida para Marselha, a fim de embarcar alli com destino ao seu paiz. Como curiosidade diremos que o principe asiatico, antes de partir, pediu que lhe procurassem a melhor modista de Londres com o fim de lhe encommendar varias prendas com que pretende presentear a mãe. Effectivamente, Nasrullah Khan leva comsigo, para offerecer á mãe, além de varias joias, os seguintes objectos: dous colletes ou espartilhos de seda guarnecidos de rendas Valenciennes; um leque de madreperola; dous preciosos guardasolinhos, um branco, o outro côr de heliotropo, e ambos guarnecidos de ricas rendas de Bruxellas; um guarda chuva, cujo punho é engastado de pedras preciosas. Quanto aos vestidos são os mais vistosos possivel. Um d'esses vestidos é de magnifico brocado branco e amarello, de mangas largas e guarnecido de bordados; um outro é de seda côr de rosa, guarnecido de finissimas rendas.

O Barba-Azul das rainhas.—Sua magestade Ranavalo-Manjanka III, rainha de Madagascar, contra a qual os francezes sustentam a guerra, foi criada na pobreza, quasi mesmo na miseria, n'uma aldeia perdida nas montanhas, por um carniceiro, seu tio, que nem sequer tinha estabelecimento aberto, mas que ia vender pelos caminhos carne da peor especie. O que não impede que a actual soberana de Madagascar fosse sobrinha da então rainha reinante, Ranavalo II. A tia detestava, porém, a sobrinha, e em toda a sua vida não lhe fez outro favor senão... morrer.

Fez-lhe esta mercê no anno de 1883. Se a sua tia não a podia vêr, não succedia outro tanto ao seu marido, o rei-consorte e primeiro ministro Rainilairivony, que, tendo tido occasião de ver a rapariga, pegou n'ella, e levou-a secretamente a Tananarive, capital do reino, metteu-a no collegio das irmãs francezas de S. José de Cluny, para que as monjas desbastassem aquella selvagem, e propoz lhe eleval-a ao throno. Com effeito, quando morreu a sua esposa, o primeiro ministro e rei viuvo, usando da sua omnipotencia, fez proclamar rainha a sua joven protegida, em prejuizo da irmã mais velha, que foi declarada incompetente, com ou sem motivo.

E como a lei do paiz ordene que o primeiro ministro seja sempre marido da rainha, Rainilairivony apressou-se a casar com a soberana elevada ao throno. Era a terceira vez que tinha a dita de ser rei-consorte. Coisa singular: de suas trez mulheres-rainhas, não teve filho algum, o que não deve ser culpa sua, porque teve nada mais nada menos que desasete filhos de sua primeira mulher, uma plebeia que ainda vive e a quem a soberana dá uma pensão annual pelo aluguer de seu marido. Se Ranavalo III morre sem filhos, será herdeira do throno sua sobrinha Rasasinandria-manitru (nome que quer dizer *Neta do bom Deus*) rapariga de treze para quatorze annos, traquinas como o diabo, que descalça os sapatos deante da rainha e atira-os até ao meio da altura da sala do throno.

O primeiro ministro tem-a já debaixo de olho e caso sobreviva a actual rainha (o primeiro ministro conta setenta annos de idade) não tardará vinte e quatro horas que case com a *Neta do bom Deus*. Se assim fôr será a quarta rainha de quem seria o glorioso marido. Não é verdade que esse Rainilairivony se parece com um Barba-Azul das rainhas?

A fortuna de um socialista.—Foi ultimamente registrado em Londres o testamento do finado socialista allemão Frederico Engels. Do registro do testamento resulta que Frederico Engels possuia uma fortuna em bens moveis avaliada em 124:775$000, e em bens immoveis em 124:195$000. Apesar de ser socialista, Engels possuia uma fortuna que não deixaria de ser invejada por muitos dos seus correligionarios.

A commemoração da guerra de 1870.—Continuam na Allemanha as festas commemorativas da guerra de 1870. No dia 1 do corrente verificou-se em Berlim, com grande pompa, a inauguração da egreja dedicada á memoria do imperador Guilherme I, fundador com Moltke e Bismarck da unidade allemã. Estiveram presentes á ceremonia a familia imperial, a gran-duqueza de Bade e outros principes e princezas allemães, os ministros, numerosos generaes, membros do clero, as associações dos antigos militares e os veteranos da guerra de 1870. A porta da egreja foi aberta, repicando os sinos. Cantaram-se hymnos nacionaes e um prégador da côrte pronunciou um discurso em que fez sobresahir a fé de Guilherme I e o seu amor pela patria. Depois da ceremonia, houve desfile e em seguida um banquete no paço.

Principes em vigilliatura.—Affirma um correspondente que a princeza de Galles e suas filhas passarão o resto do verão na Dinamarca, onde cada vez se accentuam mais os rumores de um proximo enlace entre a princeza Maud de Galles e o filho mais velho do principe herdeiro do throno da Dinamarca, que conta apenas 25 annos de idade, e cujas ideias exaltadas e romanticas parecem mais proprias de um cavalheiro da idade média que d'este singular *fin de siécle*.

SECÇÃO AGRICOLA

NOVO METHODO DE ENXERTIA DA VIDEIRA

Uma verdadeira novidade no mundo viticola, e que, a verificar-se o que diz o inventor, equivale a uma revolução no nosso systema de plantações americanas: é o novo methodo de enxertia de escudo, segundo Cahuzac.

O processo em si, nada tem de novo, e é mesmo esta, a meu ver, uma das circumstancias que o recommendam, porque elle não é mais do que o antiquissimo processo correntemente empregado, e com bom exito, na enxertia de arvores de fructo, roseiras, etc., pelos jardineiros e horticultores.

Mas, a sua applicação á cultura vinifera, e os preceitos especiaes que reclama para ser praticamente vantajoso, eis o que é novo; é a eterna questão do ovo de Colombo, que, n'este caso, não se limitava ainda assim á descoberta do processo, porque, como se deprehende da leitura do folheto, as primeiras tentativas de enxertia por este meio, foram seguidas de taes insuccessos, que desanimariam qualquer outro que fosse menos perseverante.

Foi pelo meu amigo e parente, Christiano Van Zeller, que tive conhecimento d'este opusculo, que li com o maior interesse, lamentando apenas que, pelo adiantado da estação, não me fosse possivel, ainda este anno, proceder a algumas experiencias n'este sentido. Informou-me, porém, aquelle distincto viticultor que, na sua magnifica propriedade de Roriz, Alto Douro, já fez n'este verão um grande numero de enxertos, que se acham quasi todos pegados. Esperemos agora pela primavera para observar o seu desenvolvimento e fructificação. Resumindo as idéas expostas pelo auctor no opusculo a que me refiro, o systema affigura-se-me tudo o que ha de mais racional. Com effeito, a amputação brusca de toda a parte aerea d'um vegetal, para ser substituida por outra que passa a viver das raizes do primeiro, francamente é uma operação de alta cirurgia vegetal, uma especie de trepanação, a que a planta nunca pode ser indifferente, e que forçosamente ha de traduzir-se em ulteriores effeitos pathologicos, de intensidade variavel é certo, segundo a pericia do enxertador e escolha das plantas, mas que nem por isso teem deixado de preoccupar, e seriamente, todos os americanistas mais solicitos. Bastará citar o conhecidissimo phenomeno do desequilibrio entre o cavallo e o garfo, observado na maior parte dos enxertos, principalmente sobre Riparias; os casos de chlorose, estiolamento e apoplexia; e ainda a notavel diminuição de resistencia ao phylloxera observada sobre algumas castas americanas quando enxertadas. Pela adopção do novo enxerto de escudo desapparecem estes inconvenientes, porque, segundo a recommendação expressa de Cahuzac, a emancipação do enxerto nunca deve fazer-se brusca, mas sim progressivamente: deixando-lhe toda a rama na occasião da enxertia, conservando-lhe ainda na poda d'inverno alguma vara a que finalmente se supprimem as folhas quando o enxerto se acha sufficientemente desenvolvido para absorver em si toda a seiva da planta. Além d'esta importante vantagem, offerece ainda outras o novo processo de enxertia. O grande inconveniente das más soldaduras, tão frequente nos nossos systemas usuaes, desapparece aqui; porque, ou a soldadura se faz perfeita e completa, ou então não pega, e tem de ser repetida. E ainda n'este caso, ha grande economia de tempo, porque a repetição da enxertia pode ser feita a seguir, 15 dias depois da primeira; e se a estação não fôr adiantada pode ainda passar-se uma terceira revista á vinha 15 dias depois, e novamente reenxertar os individuos que falharam; sem prejuizo do ultimo recurso, que é a enxertia no inverno, pelos processos conhecidos. A posição aerea do enxerto dispensa egualmente a operação do corte das raizes, operação sempre melindrosa e prejudicial á boa vegetação da planta. E demais, affirma o auctor que nunca viu um enxerto, depois de completo e emancipado, lançar novos rebentos abaixo da soldadura. Finalmente, recommenda-se ainda este methodo de enxertia pela simplicidade da operação; posto que n'este ponto, segundo confessa o mesmo auctor, elle reclama um cuidado particular na escolha dos olhos e das varas. Para concluir: parece-me de grande interesse para os nossos viticultores, principalmente no Douro, ensaiarem no proximo anno a enxertia de escudo nas suas vinhas; eu por mim espero impacientemente por essa época para fazer a experiencia.

Affonso do V. Coelho Ferreira Cabral.
(Da *Vinha Portugueza*).

*

NECESSIDADE DA MISTURA DAS CASTAS NAS NOVAS VINHAS

Dizia-se e diz-se por ahi abertamente, que os processos culturaes em Portugal estavam muito atrazados, precisando reforma completa os nossos systemas de cultura e vinificação, levando-se assim a acreditar aos incautos, que era preciso deixar por completo todas as praticas consagradas pelo uso e experiencia de muitos seculos. Tem sido esta a orientação, afora raras excepções, dos escriptores agricolas do seculo actual. De facto alguma cousa tem caminhado a agricultura nos ultimos tempos, principalmente pela descoberta das machinas e alfaias agricolas que, facilitando a cultura, concorrem para o augmento da producção barateando os productos.

Mas se de facto a agricultura e mais particularmente a viticultura tem progredido, progresso devido em parte á necessidade de voltar para a *vitis vinifera* ameaçada na sua existencia secular por muitas e variadas doenças, todas as attenções, tambem n'esta corrente de innovações e melhoramentos, muitas praticas se teem despresado por sandias, quando de facto ellas não eram, algumas vezes, senão o resultado d'uma longa experiencia.

O uso da mistura das castas nas vinhas e um dos abandonados mais ou menos por toda a parte, sendo um dos que se devia conservar. A razão d'este abandono d'uma velha pratica, é sem duvida o ter-se apregoado *urbi et urbi* que havia toda a conveniencia em plantar as castas separadamente, por vinhas, talhões, latadas, etc., allegando-se que assim se tratavam melhor as doenças cryptogamicas, se podiam vindimar adeante as que tinham maturação precoce, e não sabemos quantas razões mais eram allegadas, porque varias se apresentaram e todas de egual valor, evitando comtudo os propagadores da ideia, expor a principal razão da sua predica, que era sem duvida o *bonito*. De facto é muito mais bonito vêr uma vinha com as uvas brancas a um lado, as tintas a outro, e ainda as differentes castas divididas em talhões, do que aquella mistura e promiscuidade das cêpas que se notava nas antigas vinhas, mas o peior é que o *bonito* veiu estragar o que os annos tinham ensinado que era melhor. E era melhor porque?

1.º Porque assim se favorecia a fecundação crusada que, em regra, é mais completa e produz fructos mais bem creados.

2.º Porque as castas vivendo em promiscuidade estão menos sujeitas ás doenças.

3.º Porque as necessidades œnologicas assim o tinham exigido.

Entre as varias cêpas que cultivamos ha um certo numero que estão sujeitas, como todos sabemos, ao desavinho; isto é, na epoca da floração a fecundação fazendo-se mal, dá em resultado que um certo numero de flores não são fecundadas, e d'ahi o ficarem os cachos *rareados*.

As causas do desavinho são variadas: tanto a falta de vigor como o excesso de vegetação proveniente de grandes estrumações com estrumes azotados, pódem occasionar o desavinho; por outro lado na epoca da floração a humidade acompanhada de frio, a chuva continua que arrasta o pollen, e o vento secco e quente que accelera a floração e queima as flores, são outras causas que contrariam a fecundação. Mas, se estas são as causas geraes que impedem a fecundação, ha algumas castas que, por melhores que sejam as condições de cultura e atmosphericas, estão sempre sujeitas ao desavinho. A razão é que n'estas castas os estames são curtos e recurvados, as antheras mais baixas que os estigmas, que são largos e abertos, parecendo tudo indicar que estas castas estão naturalmente destinadas para receberem o pollen estranho. Portanto, se junto a estas plantas e do lado dos ventos dominantes, se encontram outras dotadas de grande poder fecundante, a fecundação far-se-ha muito melhor, apresentando as cêpas os cachos fechados e bem creados: é o que a theoria ensina e a pratica comprova.

As praticas œnologicas tambem demonstram que rarissimas vezes com uma só casta se póde obter um typo completo de vinho; em geral o que falta n'uma casta superabunda n'outra, e d'aqui a necessidade de as misturar em proporções convenientes. Os principaes vinhos do mundo são feitos com umas poucas de castas e raros são aquelles em cuja preparação entra uma só. Ha até localidades onde para os vinhos sahirem bons se diz que é preciso que uma parte das uvas esteja passada, outra simplesmente madura, e ainda outra verde; como succede na Borgonha; ora como n'uma casta d'uvas não é facil encontrar-se uma parte passada e outra ainda verde, d'aqui póde nascer até certo ponto a necessidade do emprego de castas que amadureçam em épocas differentes, quando outras razões de maior importancia não militassem a favor do emprego de varias castas. Por ultimo ainda a mistura de castas nas vinhas tem toda a vantagem sob o ponto de vista das doenças, porque sendo todas as cêpas d'um dado talhão sujeitas a uma determinada doença, basta que ella ataque uma cêpa, para que em breve se propague por todas as outras, o que não succede se estiverem espalhadas por toda a vinha, porque então as castas intermedias, mais resistentes, impedirão a propagação da doença.

Este facto é notavel principalmente na doença da diagalves: todos os viticultores sabem que esta casta viva bem e não está sujeita á doença, quando as cêpas estão disseminadas pelo meio d'uma vinha, e que de contrario morrem se se planta um talhão só de mesma casta. Cremos, pois, ficar assim demonstrado, que uma racional e conveniente mistura de castas n'uma vinha, em principio, é vantajosa tanto no ponto de vista cultural como œnologica.

L. L.

(*Vinha de Torres Vedras*).

SECÇÃO LITTERARIA

O UNICO AMOR

No velho solar dos marquezes de... tinha terminado um banquete familiar, festejando o regresso do medico d'aquella povoação que, durante cinco mezes, se achava ausento no estrangeiro e que era o particular amigo dos marquezes. Dez caçadores, oito senhoras, os donos da casa e o recem-vindo rodeavam uma meza coberta de flôres, saboreando o café. Cahiu a conversação sobre o amôr, e logo se travou um renhido combate entre os commensaes sobre se se podia amar uma só vez ou muitas na vida. Citaram-se varios exemplos em apoio de ambas as opiniões, affirmando os homens que a paixão é como as enfermidades, que pódem atacar repetidas vezes o mesmo individuo, emquanto que as senhoras protestavam dizendo que o verdadeiro amôr jámais se reproduzia, nem tão pouco podia germinar de novo nos corações.

— Qual é a sua opinião sobre este ponto?— perguntou o marquez ao medico.

— E' apenas uma questão de temperamento,—respondeu o doutor.—Eu conheço uma paixão que durou vinte e cinco annos, sem que um dia se trocassem palavras d'amôr, e que só terminou com a morte.

A marqueza applaudiu com enthusiasmo, e disse para o medico:

— Aposto em que o ser amado foi um homem?

— Foi, sim, minha senhora, e esse homem todos nós o conhecemos, pois trata-se nada mais nem menos do que do nosso pharmaceutico, casado ha já bastantes annos. A protogonista d'este drama de amôr tambem a conheceram muito bem; foi aquella pobre mulher que se occupava em empalhar cadeiras já usadas e que todos os annos vinha buscar algum trabalho a este solar.

O enthusiasmo das senhoras cessou no mesmo instante, como se o amôr não podesse ferir com os seus dardos mais que os seres privilegiados, unicos dignos de provocarem o interesse das pessoas distinctas. Puro engano! Ha perto de um anno fui chamado para assistir aos ultimos momentos da pobre cadeireira. A infeliz tinha chegado na vespera no seu carro puchado por um pequeno cavallo e acampanhada pelos seus dois cães negros, unicos amigos que tinha e que a guardavam de qualquer perigo. N'aquelle instante tinha tambem chegado o cura, e, tanto elle como eu, fômos nomeados seus testamenteiros. N'esta qualidade, a infeliz referiu-nos toda a sua vida que é em extremo bem singular e commovedora. Seus paes exerciam o mister de cadeireiros e ella, desde muito creança vagueava pelos campos, cheia de fóme e andrajos, implorando a caridade publica e detendo-se á entrada das povoações. Quando era já um pouco maior encarregaram n'a de ir a casa dos freguezes buscar as cadeiras que precisavam de ser concertadas e com este trabalho ia ajuntando algum dinheiro que lhe davam de propinas e que ella guardava ás escondidas de seus paes. Um dia—tinha então doze annos—ao passar por esta povoação, encontrou detraz do cemiterio um menino chorando amargamente por que um dos seus companheiros lhe havia roubado uma moeda de cincoenta réis em prata. Aquellas lagrimas commoveram-n'a profundamente. Acercou-se pressurosa do pequeno e quando soube o motivo do seu desgosto, depositou lhe nas mãos todas as suas economias, equivalente a duzentos réis. Louca de alegria deu um beijo nas faces do pequeno e affastou-se correndo d'aquelle sitio. O que se teria passado n'aquelle miseravel cerebro? Durante muitos mezes aquella rapariga não pensou mais senão na creança que vira chorando e no cemiterio que estava ao pé. Com esperança de o tornar a vêr, novamente veio até aqui; porém só o poude ver atravez dos crystaes da botica e feito um futuro pharmaceutico. Passado algum tempo tornou-o a encontrar junto á escola brincando com os seus companheiros. Ao vêl-o estreitou-o contra o peito e beijou-o com tal violencia que o pequeno começou a gritar com medo. Então, para o socegar, deu-lhe algum dinheiro que trazia e que elle contemplava com olhos absortos. Durante quatro annos lhe foi dando todas as suas economias e que elle ia embolsando a troco de repetidas caricias. Aquella rapariga não pensava senão no objecto da sua paixão; emquanto que o pequeno só pensava no seu regresso, afim de receber algum dinheiro que ella lhe entregava. O futuro pharmaceutico, tendo concluido os seus primeiros estudos, entrou para um collegio e alli esteve durante dois annos sem que a pobre cadeireira o podesse vêr uma só vez. Quando d'alli sahiu, ao atravessar uma das ruas da povoação foi visto pela rapariga que quasi o não conheceu, tão crescido elle estava. Ao avistal-o, correu para elle com os braços abertos, como fazia antigamente, porém o rapaz desviou-se desdenhoso como se nunca a tivesse visto.

A pobre rapariga chorou dois dias consecutivos e foi então que começou o seu inconciliavel tormento. Era raro o dia que o não encontrava, porém elle passava sempre por ella sem sequer a olhar. Aquella martyr que o amava com delirio, disse-me no seu leito da morte: — «Foi o unico homem que amei no mundo; os demais não existiram para mim.» Tendo morrido seus paes, ella continuou exercendo o seu officio. Um dia, ao entrar n'esta terra onde tinha o seu coração, notou a presença de uma mulher dando o braço áquelle que então já era pharmaceutico e a quem tanto adorava, sahindo da botica. Sem duvida era sua esposa!

N'aquella mesma tarde a cadeireira atirou-se ao rio que passa junto á povoação ou intuito de acabar com o seu tormento. Uns barqueiros que se achavam proximo poderam salval-a, ainda que com bastante custo, e conduziram-n'a á botica para receber os primeiros curativos. O pharmaceutico, que a reconheceu, applicou-lhe os medicamentos precisos e disse-lhe ao ouvido: — «Pois ainda te atreves a voltar, louca? E's a mulher mais imbecil que eu tenho conhecido em toda a minha vida!»—Vendo-se salva, embora contra sua vontade, voltou correndo a encerrar-se na sua pobre cabana, onde só tratava de empalhar cadeiras velhas e pensar no homem que tanto amava. Algumas vezes ainda voltou á botica a comprar medicamentos, não por que necessitasse d'elles, mas unicamente para contemplar e ouvir a voz do pharmaceutico.

*

Depois de nos contar a sua triste historia, pediu-me para entregar ao homem a quem tinha dado todo o seu coração, as economias da sua existencia, pois aquella infeliz só tinha trabalhado por elle, privando-se, muitas vezes, do preciso para o seu sustento, isto com o fim de se recordar d'ella depois de morta. Entregou-me a quantia de trezentos e cincoenta mil réis, e pronunciando mais uma vez o nome do boticario, pendeu a cabeça sobre o peito e exhalou o ultimo suspiro. Pobre martyr!

Pedi ao cura para se encarregar do enterro d'aquella desditosa, entregando-lhe cincoenta mil réis para esse fim, pois desejava que o seu enterro fosse muito decente, embora modesto. E assim foi. No dia seguinte apresentei-me na botica. Fizeram-me sentar e perguntaram-me qual o motivo da minha visita. Comecei então a minha triste narrativa, contando os amores da cadeireira. Apenas o pharmaceutico comprehendeu que havia sido tão loucamente amado por aquella vagabunda, por aquella miseravel harpia, não poude occultar a sua colera, como se por esse facto tivesse perdido toda a sua reputação e o apreço dos homens de bem. Sua mulher, tão desesperada como elle, dizia:—«Que grande pouca vergonha! Isto é horrivel para um homem honrado!»

O pharmaceutico, furioso, exclamava:—«Se eu tivesse sabido isto em quanto ella viva teria-a denunciado á justiça para que a mettessem n'um carcere.»—Fiquei estupefacto ante o resultado da minha piedosa missão, e não sabia o que havia de dizer. Porém tinha que terminar o meu encargo, e continuei:

— O caso é que aquella mulher, ao exhalar o seu ultimo suspiro, encarregou-me de entregar ao senhor todas as suas economias que montam a trozentos mil réis; mas como, certamente, isto lhe causa grande desgosto, o melhor é distribuir esse dinheiro pelos pobres mais necessitados.

O boticario e sua mulher, ao ouvirem esta revelação, olharam-se, possuidos de grande surpreza. Tirei o dinheiro de dentro de uma carteira e perguntei em tom decisivo:

— Vamos, o que é que resolvem?

Então a mulher do boticario, n'um momento rapido, me disse:—«Visto ser essa a sua ultima vontade, parece-me que não devemos recusar esse dinheiro.» — O marido confirmou a opinião de sua esposa e estendendo-me a mão, exclamou:

— «Minha mulher tem rasão. Venha o dinheiro.»

Entreguei-lhe os trezentos mil réis, cumprimentei aquellas *dignas creaturas* e sahi da botica. No dia seguinte apresentou-se em minha casa o pharmaceutico, o qual me disse logo á entrada da porta:

— «Consta-me que a cadeireira tinha tambem deixado um carrito e um cavallo: o que ha a esse respeito?»

— E' verdade—respondi — estão já no pateo á sua disposição, e tambem dois cães negros que lhe pertenciam.

— «Não os quero—apressou-se o boticario a dizer—o que queria que eu fizesse d'elles? — » e cumprimentando-me, retirou-se sorrindo.

*

O medico guardou silencio, visto ter terminado a sua historia; então a marqueza, cujos olhos estavam inundados de lagrimas, exclamou soluçando:

— Indubitavelmente, não ha como as mulheres para saberem amar deveras!

Lavradio—maio—1895.

Gilberto Vargas.

O ESPELHO

(A ELIZIARIO CURA)

I

A' solidão da alcova onde me encarceraram, algemado na moldura dourada de um mogno vulgar, tu vieste uma manhã, viva e formosa, em todo o fresco sorriso dos teus dez annos encantadores. E a imagem risonha do teu busto pequenino, vestido na cambria perfumada de um gracioso bibe—como a preciosa esmola da luz cahida no regaço fundo da treva—veio até ao meu desolado coração de crystal e aço. Mostraste-me os leitosos braços pequeninos nublados de rendas côr de rosa; ensinaste-me o teu sorriso gracioso e a tua maneira simples; dissesteme o verso romantico de uma canção que cantaste. E vendo que eu aprendi o teu sorrir e cantei essa canção tão original e tão fresca como a que vinha dos teus labios vermelhos, mostraste-me em seguida as tuas bonecas, os carinhos que lhes davas, os seus jantares de morangos, as suas lições de piano; e a tudo isso eu sorri pelos teus proprios olhos virginaes...

Todas as manhãs depois tu vieste viva e formosa, em todo o fresco sorrir dos teus dez annos encantadores, á solidão da minha alcova, onde me encarceraram algemado na moldura dourada de um mogno vulgar.

II

Quando mais tarde me narraste os teus segredos, o meu coração retratoute fielmente a grossa trança loura e surprehendeu-te as tintas de oiro que aspergias sobre os cabellos. Li-te as cartas d'amor, perfumadas e romanticas, que aconchegavas ao seio tremulo. Aprendeste comigo a firmeza nobre de um andar fidalgo e o requebre dolente das attitudes que captivam.

Fallaste-me de manfredos sonhadores que diziam canções meigas em plangentes violões, ramos de violetas, que escondias em estojos forrados de setim, beijos ardentes que te pediam e recusas frias que davas... Surprehendi-te lagrimas esquivas na face pennugenta, pequeninas raivas interiores que vinham aos teus labios contrahidos em palavras asperas. Uma manhã beijaste soffregamente uma camelia fresca que trazias no seio, e de tarde vieste desfolhal-a junto de mim n'uma exasperação violenta que levou os teus brancos dentes a morderem-n'a.

Mas, apesar d'estas crises rapidas porque ia passando hora a hora, a feição meiga do teu sorrir e do teu pensar, o meu coração retratava-te fielmente a grossa trança loura e a ninguem confiou nunca o segredo das tintas douradas que aspergias sobre os cabellos.

III

D'uma vez, no outomno, ao cantar alegre d'uma canção victoriosa, expressa docemente em ardentes versos, entraste na solidão da minha alcova, radiante de ternura; e—mostrando-me um gentil rapaz d'esbelta fórma bem vestida—disseste, sorrindo:—«O meu noivo...»—E, por um desfranzir quasi inapreciavel dos teus labios amantes, eu sorri tambem.

Caricias que fizeste, beijos que trocaste, eu tudo te repeti perfeitamente em claro. N'um excesso perdoavel de ternura, os braços d'elle enlaçaram-te o peito, e tu deixaste-te adormecer quasi envolvida n'esse affago delicioso em que havia decerto extranhas magnetisações e somnolencias vagas.

Confissões ardentes cahiram dos teus labios, como gottas d'agua despejando-se suavemente d'uma cascata romantica. Beijos retiniram sempre febrilmente, callidos, ardentes, desprendendo-se de bocca a bocca como um fio de teia que a aranha tece.

Applacado em seguida este diluvio d'amor, ao trocar d'um ultimo abraço terno abandonaste-me na solidão da minha alcova, cantando alegre uma canção victoriosa, expressa docemente em ardentes versos...

IV

Passaram-se annos pesados sobre essa pagina ardente de romance, como grossos borrões de tinta despejados sobre um mimoso desenho á penna; e a viva côr d'oiro dos teus cabellos vae esmorecendo e morrendo dia a dia. Aos cantos da tua bocca vermelha abre-se um rugoso vinco na pelle, a cuja profundeza não chega o pó de arroz—essa innocente mentira que engana os homens, illudindo as mulheres. O teu collo soberano, d'uma firmeza elegante e pronunciada, acurva-se humildemente e triste, como um campeador cujo sangue lhe foge da ferida, aberta pelo cutello do inimigo victorioso. E do tom mal definido dos teus cabellos formosos d'outr'ora, surge impetuosamente uma cã sediciosa, sarcastica, terrivel... Por entre as lagrimas saudosas que choras, os teus olhos dizem-me n'uma sincera tristeza que cala fundo:—«Era d'uma vez uma noiva...»—e eu choro na tua magua e morro na tua saudade, ó ridente noiva abandonada á borda do caminho da ventura, sobre cujo romance annos pesados passaram como grossos borrões de tinta despejados sobre um mimoso desenho á penna...

V

Eis-te agora defronte de mim—ó velha casquilha solteirona, resto secco de materia virgem, branca de velhice e d'abstinencia perpetua. Quero mostrar-te, em toda a desolante evidencia das coisas, como na téla crua d'um pintor realista, a brancura verdadeira do teu cabello encanecido, o engaste perfeito do teu dente postiço, a esculptura suave das tuas pernas d'algodão em rama... Bem sei que me repelles, bem sei que me odeias do fundo dos teus quarenta annos e do fundo do teu amor proprio. Perdôa-me, porém, ó velha desprezada. O confidente humilde do teu segredo não deve votar-se ao desprezo a que os homens te votaram.

Eu dei-te o que tu me déste, sorri o que tu sorriste, chorei o que tu choraste, cantei as tuas canções, arredondei as tuas fórmas redondas; e hoje—n'este desalente desabar de chiméras e sonhos que se vão morrendo—retrato-te ainda fielmente, vigorosamente, ó velha casquilha solteirona, resto secco de materia virgem, branca de velhice e de abstinencia perpetua.

Adolpho Portella.

CINDAZUNDA E ELUZINDA

(REPRODUCÇÃO)

Derramando triste pranto,
vou contar bem triste historia,
que não me sáe da memoria
e causa dura afflicção.
—Se a recordo, soffro tanto;
é tão amarga a saudade;
que da dôr a crueldade
vem partir meu coração.

I

Eram duas irmãs, ambas formosas.
E ambas tinham graça tão gentil
e taes encantos... Pareciam rosas
sorrindo-se em manhã fresca de abril!

Quem as visse diria com certeza,
amando o seu tão mágico rubor:
«Mais bellas não creou a natureza!
São na terra dois anjos do Senhor!!»

Pintar quem póde o seu meigo sorriso,
tão cheio de poesia e seducção?
Podem anjos do ethereo paraiso
nos sorrisos mostrar tanta expressão?—

Quando soltavam suas tranças bellas,
que vinha meiga brisa bafejar,
que quadro tão sublime o das donzellas!
—Não ha pincel, que tal possa immitar!—

A dôr aliviavam da pobreza
e lamentavam do infeliz a dôr!
Sua mão consolavam na tristeza
com affecto e carinho e santo amor!

Ante o altar as vi um dia orando,
como se pertencessem só a Deus,
e como se estivessem já gozando
dos bens, que Elle destina a eleitos seus.

Do piano, tangendo no teclado,
ou soltando, de puro amor, canções,
a um mundo elevavam, não sonhado,
as nossas almas, nossos corações.

II

Soprou o furacão! A flôr mimosa,
—Cindasunda, tão bella—ao chão tombou!
Mas, transformada em anjo, aquella rosa,
deixando a terra, para o céu voou!

Póde tambem no céu haver saudade
aos pés do throno d'esse Excelso-Rei?
Podia visos ter de realidade,
ser um presagio, o que eu depois sonhei?!

III

Eu sonhei, que, lá no Empyreo,
Cindazunda se prostrára
aos pés do Senhor e orára
com triste pranto e fervor;
e que dizia nas supplicas,
que ella ao Senhor dirigia,
que junto d'ella queria
ter a irmã, anjo de amor!

E foi bem cruel presagio
tal sonho, por que a verdade
á mais terrivel saudade
bem depressa se ligou,
pois, em anjo transformando-se,
Eluzinda encantadora
para o céu chamada fôra
pela irmã, que tanto amou!

E aquella alma, toda candida,
ao subir ao paraizo,
disse com meigo sorriso
á inconsolavel mãe:
«Minha irmã gosa dos canticos
d'anjos na patria formosa:
Vou ser, como ella, ditosa!
Vou ser um anjo tambem!

E por isso as tuas lagrimas
bem de pressa hão de ser flôres
de aromas, de viço e côres,
que não tem no mundo egual.
Bem de pressa hão de ser perolas,
que hei de com sorriso terno
pôr junto ao throno do Eterno
na patria celestial.

Minha irmã junto ao Altissimo
é feliz, mas tem tristura
de eu não gozar da ventura,
que Elle dá a eleitos seus.
E o Senhor ouviu-lhe as supplicas!
Eu no Céu vou ser ditosa!
Não estejas lacrimosa!
Adeus, minha mãe! Adeus!»

—N'este adeus voou-lhe o espirito
para o céu, com tal socego,
como a quem não tem apego
ao mundo todo fallaz.
—A virgem, serrando as palpebras,
sem ter da morte receio,
foi a repousar, no seio
do Senhor, em doce paz!—

E lá vivem no céu entre canticos
esses anjos de paz e d'amor!
—E cá vive na terra entre lagrimas
triste mãe, toda immersa na dôr!—

Impossivel ainda parece-me,
que esses anjos, da vida na flôr,
já voassem da terra deixando-nos
n'esta auzencia as saudades e a dôr!

Arrancar ninguem póde do intimo
da saudade cruel o amargor,
a quem vê duas filhas no tumulo
esconderam-se, apoz tanta dôr!

Entre os prantos te elevo uma supplica.
Aos meus rogos attende, ó Senhor.
—Tem piedade da mãe e dá-lhe animo,
tão preciso nos trances da dôr!—

RANGEL DE QUADROS.

CARTA DE LISBOA

10 DE SETEMBRO DE 1895.

O facto de maior sensação na capital, é desde hontem o do fallecimento prematuro e inesperado do sr. ministro dos estrangeiros.

Quem havia de pensal-o, ainda ha pouco, vendo-o em toda a actividade do seu espirito emprehendedor, á frente do seu ministerio, decretando, trabalhando n'esse amalgama de medidas repressivas, de ataques á liberdade, que pozeram o paiz em lucta contra os poderes do Estado, mas em que é força reconhecer talento e vontade de bem servir a causa dos seus alliados d'agora? Quem havia de dizer que, tão cedo, tão inesperadamente, a morte havia de roubal-o aos affectos da familia e á admiração dos seus amigos?

De pulso forte e animo rijo, elle era agora a alma do ministerio conjuntamente com o sr. João Franco. Faz-lhe falta porisso. Com outra orientação politica, podia ser um homem util para o seu paiz. Era um parlamentar distincto, um polemista vigoroso e um habil jornalista. O partido regenerador perde n'elle um homem de valia. Tinha uma mancha na sua vida publica: era a de ter abandonado e combater os seus antigos amigos, ao lado dos quaes podia ir longe.

E' aqui muito lamentada a sua morte. Faz pena, realmente.

Já ante-hontem, quando os ministros foram a Cintra assistir á missa que na Pena se celebrou por alma do sr. conde de Paris, não chegaram a celebrar conselho por motivo de doença grave do sr. ministro dos estrangeiros. Ninguem, porém, previa o desenlace.

Para o governo, a morte do collega que mais o fortificava, é um desastre. São sabidas e conhecidas de toda a gente as animadversões que vão no paço contra o governo e principalmente contra o sr. João Franco. Era o sr. Lobo d'Avila quem ainda o sustinha alli. O resultado da sua falta, que é uma perda enorme para o governo, ha-de sentir-se em breves dias.

O sr. presidente do conselho, logo que recebeu em Lisboa a noticia, partiu em comboio expresso, ás 3 da madrugada, de Algés para Cintra.

O sr. Carlos Lobo d'Avila queixava-se ha muitos dias d'uma repetida dôr sobre o olho direito. No sabbado essa dôr tornou-se mais insistente. Foram tres os ataques da *angina pectoris*. Depois do primeiro, reanimou se depressa. Quando lhe deu o terceiro, apertou muito o estomago, exclamando: «ai que dôr, morro, morro. . .» Estavam junto d'elle os srs. conde e condessa de Valbom, João Franco e Joaquim Lima. Expirou logo.

Hoje todos os ministros, á excepção dos srs. Antonio d'Azevedo e Campos Henriques, que estão no norte, teem estado em Cintra.

A'manhã, segundo determinações dos differente ministros, não abrem os respectivos ministerios.

Na reunião da Junta do Credito Publico, que hoje se realisou, o sr. Moraes Carvalho, propoz, sendo approvado por unanimidade, que ámanhã não se abra a mesma Junta.

O funeral realisa-se ámanhã. O prestito deve-se organisar na estação da Avenida, sahindo d'alli ás 12 horas do dia para o cemiterio dos Prazeres.

A' passagem do cadaver do extincto, serão prestadas as honras militares correspondentes á sua cathegoria.

O cadaver será hoje, ás 11 horas da noite, depositado na egreja parochial de Cintra.

Espera-se ámanhã de manhã a chegada dos srs. ministros da justiça e obras publicas, para assistirem ao funeral do seu mallogrado collega.

Sua Magestade El-Rei, a quem o sr. João Franco fez participar hontem á noite o estado desesperado do doente, mandou depois, com pequenissimos intervallos, saber do seu estado, enviando esta manhã um telegramma ao sr. conde de Valbom dando os mais expressivos sentimentos e manifestando o maior pezar pela morte do sr. Carlos Lobo d'Avila. Depois, foi pessoalmente com a Rainha a casa do fallecido.

No ministerio dos estrangeiros teem sido recebidos muitos telegrammas e bilhetes de pezames. Da provincia teem sido recebidos telegrammas participando a profunda impressão que causou a inesperada morte de Carlos Valbom. Ella é uma perda enorme.

Antes de ser levantado da cama para o caixão, o cadaver do conselheiro Lobo d'Avila, foi-lhe vestido o habito do Carmo. De casa para a egreja, o feretro foi conduzido á mão pelos ministros e outras pessoas.

O sr. ministro do reino pediu á corporação dos bombeiros voluntarios de Cintra que velasse de noite o cadaver.

Foram depostas mais corôas do centro regenerador, do sr. José da Motta Prégo, dos collegas no ministerio e da sr.ª D. Maria das Dôres Mendonça Pessanha Thomaz Pizarro e familia.

Consta que o sr. presidente de conselho telegraphára aos srs. conselheiros Frederico Arouca e Moraes Carvalho, parece que por motivo da vaga aberta no gabinete pela morte do sr. conselheiro Carlos Lobo de Avila.

— Falleceu hoje, ás 7 horas da tarde, em Cintra, a sr.ª D. Maria Cecilia de Assis Brazil, esposa do sr. dr. Assis Brazil, ministro da republica brazileira em Lisboa.

— Segundo refere o *Correio da Noite*, o novo administrador de Porto de Moz iniciou a sua administração syndicando na repartição de fazenda do concelho dos motivos por que foi indeferido no anno passado um requerimento do sogro, sem que para isso tenha competencia legal. Vae bem. Que bello attestado para um delegado do governo, a cargo de quem se põe uma administração de concelho!

— Uma commissão de estudantes da Escola Medica, procurou ante-hontem, mas debalde, como sempre, o sr. ministro do reino. Ia pedir dispensa do exame de allemão.

— Continúa a falta de noticias de Lourenço Marques, o que naturalmente accrescenta o sobresalto em que todos andamos. O governo, no seu louvavel costume de esconder ao paiz o que lhe interessa, nega-se a dar-lhe as menores informações. Vae tudo bem, no melhor dos mundos possiveis.

— O mau tempo tem por aqui feito das suas. O dia de hontem começou chuvoso, mas o mau aspecto passou e depois esteve explendido. Ante-hontem, domingo, é que pareceu que iamos ter um diluvio, tanto choveu, e consecutivamente, desde pela manhã até ás 2 horas da tarde e com uma violencia extraordinaria. No caminho de ferro, linha de Cascaes, por duas vezes estiveram a dar-se desastres enormes, que custariam a vida a muitas dezenas de pessoas. Não se póde pensar n'isso serenamente. Nem mais nem menos do que o desmoronamento da ponte da Cruz Quebrada sobre o rio Jamôr, formada por doze arcos de circulos de 12 metros de corda! Tinha sido construida em 1855 pelo primeiro concessionario da linha de Lisboa a Cintra, conde de Clarange-Lucotte. As suas fundações eram sobre estacaria. Não eram profundas e já durante alguns annos, e nomeadamente no de 1892, as aguas lhe causaram grandes ruinas. Ante-hontem a cheia fortissima acabou a obra de destruição. A ponte abriu poucos minutos depois da passagem do comboio que parte de Cascaes ás 10,30. A companhia começou hontem a fazer um passadiço do lado da linha em estacas, para tornar facil e prompto o trasbordo. Vae continuar com brevidade uma ponte provisorio com dois taboleiros de ferro e apoios de madeira. Esta obra espera-se que seja concluida dentro de muito pouco tempo, pois a companhia tem tramos de ferro que pódem servir. A ponte definitiva será de ferro e com dois tramos. O comboio *transvay*, que vinha pouco depois, parou, em consequencia de signaes feitos por alguns individuos para não seguir, por haver perigo. Foi o sr. João Marreca que evitou a grande desgraça, despindo o casaco e voltando-o da parte do avesso, que era forrado de uma fazenda de côr vermelha e que serviu para os signaes de paragem. Se não é esta ideia feliz, quantas victimas haveria n'este momento a lamentar!

Na linha de Cintra houve um desmoronamento junto da estação de Queluz-Bellas, mas sem maior importancia.

Em Loures houve enorme inundação. A cheia arrastou tudo na sua passagem. Quando as aguas desceram causava lastima a devastação de todos aquelles terrenos. O rio de Sacavem sahiu do seu leito e correu para os campos marginaes com uma velocidade assustadora. Nunca alli se viu tamanha desgraça. Todas as terras foram invadidas e nada resistiu á impetuosidade da corrente, que passou como uma foice, cortando tudo. Os prejuizos são espantosos e a miseria enorme. De toda a parte as noticias que chegam são desoladoras, porque tambem em toda a parte as chuvas torrenciaes causaram grandes estragos á agricultura e em edificios publicos e particulares.

— Diz-se que o sr. conselheiro Castilho será exonerado, a seu pedido, do logar de director da escola naval.

O *Diario* publíca ámanhã o decreto determinando a divisão por concelhos e a sub divisão por freguezias do contingente de 19:917 praças para as forças militares a recrutar no actual; sendo 12:000 para o exercito activo, 500 para as guardas municipaes, 1:000 para a guarda fiscal, 417 para a armada e 6:000 para a segunda reserva, divisão que será feita em harmonia com a tabella publicada junto a este decreto. As guardas destinadas ás guardas municipaes e fiscal, devem ser incorporados no exercito e transferidas para estas guardas, quando se encontrarem nas condições legaes, tendo preferencia as que se apresentarem voluntariamente.

— O sr. dr. Queiroz Ribeiro será recebido na quinta-feira por sua magestade el-rei, a quem apresentará varias representações a favor do restabelecimento do concelho e comarca de Villa Nova da Cerveira.

— Vindas de Lourenço Marques, desembarcaram ante-hontem ao meio dia, na alfandega, 66 praças, as quaes foram mandadas regressar por se acharem doentes, sendo: de marinha 1 cabo e 2 soldados; de engenheria, o 2.º sargento Ferreira Brito, 2 cabos, 1 corneteiro e 8 soldados; da brigada de artilheria de montanha, o 2.º sargento Lopes Pereira e 4 soldados; de artilheria 4, 4 soldados; de cavallaria 2, o corrieiro selleiro Antonio Gonçalves da Silva e 1 soldado; de caçadores 2, os 2.ºs sargentos Cardoso e Amaro, 1.º cabo, um 2.º e 13 soldados; de caçadores 3, o 2.º sargento Alves d'Oliveira, um 1.º cabo e 10 soldados; de infanteria 2, um 1.º cabo e 10 soldados, dando um d'estes soldados immediatamente entrada no hospital da Estrella por o seu estado assim o exigir. A'manhã todas estas praças são presentes á junta que para esse fim é mandada reunir no regimento de infanteria 2. As malas foram conduzidas para o quartel general n'uma carroça. Na alfandega compareceram alguns officiaes, sargentos e praças de todos os corpos a que as praças expedicionarias perteciam.

— De Lourenço Marques veio tambem o 2.º tenente da armada, sr. Filippe Dias de Carvalho.

Y.

CARTA DE GOES

7 DE SETEMBRO DE 1895.

Meu prezado amigo.—Ha bastante tempo que não leio no nosso *Campeão* cousa alguma com referencia a Goes. Pois ha muito que dizer d'este concelho, que tem o serviço da administração confiado ao sr. Francisco Ignacio Dias, um administrador substituto, sempre em exercicio, embora não haja impedimento no effectivo, que exerce o logar consoante as conveniencias politicas locaes, em perfeita camaradagem com o seu substituto; o que importa uma perfeita e constante provocação ao partido progressista local, que elles, o effectivo e substituto, não vêem com vista sã e regular:,mórmente desde que a camara não quiz prestar-se a acompanhal-os na representação ao chefe do Estado, pedindo a elevação do concelho á segunda classe, que tem sido e é o purissimo ideal do sr. administrador substituto, baseado na reforma administrativa, n'essa illegalissima immoralidade que o cerebro do sr. João Franco organisou para festim dos seus amigos, vinganças aos progressistas em mil localidades e desorganisação completa na administração publica. O sr. administrador, o substituto sempre em exercicio, não quiz lembrar-se nem ensinar aos amigos de seu tio que o concelho é pobre, sem outros recursos que não sejam os da contribuição directa; e, ainda assim sem receita disponivel que lhe sirva a alguma despeza eventual e imprevista, que as tem, muitas e obrigatorias; como, reparos e reconstrucções de pontes, fontes e caminhos, com passagem em ribeiras caudalosas, que á camara corre o dever de conservar em termos de garantirem ao publico viação e passagem fóra de perigo.

Uma d'estas obras, é sem duvida a reconstrucção da ponte da Sandinha na freguezia do Cadafaz. A camara vendo a necessidade inadiavel d'essa obra que, ao passo que dá passagem ás povoações d'aquella freguezia, é de muita utilidade a outras dos concelhos d'Arganil e Pampilhosa; e, attendendo ás instantes reclamações d'aquelles povos, inscreveu essa verba de despeza no seu orçamento ordinario, cremos ser de 90$000 réis; sendo essa verba approvada ou confirmada pela commissão districtal. Pois o cynismo revoltante do sr. administrador substituto sóbe ao ponto, e é de tal ordem, que afiança aos admiradores das suas parlapatices, que ha-de obstar á respectiva arrematação, visto que a camara não tem em cofre dinheiro para tal obra! A camara ha-de saber cumprir o seu dever, obstando mais uma vez aos desvarios delirantes do substituto; não do administrador do concelho, mas do servo *fiel* do sr. Manuel Nogueira Ramos, administrador effectivo, a quem de certo ninguem invejará a fama adquirida pelas inclytas proezas do seu caro sobrinho, o substituto.

— Está affecto ao poder judicial d'esta comarca, um auto mandado levantar e remettido pelo digno presidente da camara contra o vereador da mesma, José Francisco Mendes, do Colmeal, pelo facto notavel de ter faltado a quarenta e nove sessões da mesma camara, sem motivo justificado. Parece que o nobre representante do dr. Albino de Figueiredo, n'aquella freguezia, fôra conduzido por tão escabroso caminho, pela mão do sr. administrador substituto, com o fim de desconceituar a vereação por falta de sessões; e d'ahi, promover a promettida dissolução, visto como era progressista a sua maioria. Que administração! Que politica!! E que politicos!!!

— O sr. Ernesto Rodrigues dos Santos e Manuel Nogueira Ramos, isto é, o sr. juiz de paz e o sr. administrador do concelho, o effectivo: sim, é bom relembrar que não é o substituto, que é o effectivo, assistiram com o respectivo facultativo á autopsia do cadaver, já enterrado, d'uma rapariga que se disse ter sido envenenada. Segundo o que ouvi, succumbira a uma aneurisma. Por emquanto, o caso é escuro; do que se apurar, informarei na minha primeira carta.

— O digno e virtuoso prelado d'esta diocese, acaba d'attender as repetidas reclamações dos parochianos da freguezia do Cadafaz, d'este concelho, que se achavam, ha mais d'um anno, sem clerigo que os pastoreasse. Sua ex.ª acaba de nomear o revd.º padre José Pimenta, de Luzo, e constanos que já foi tomar posse. Agradecemos ao nobre prelado tão util resolução, assim como felicitamos o novo pastor e o seu rebanho, fazendo votos para que ambos gozem em dôce paz e união as delicias da Egreja.

S.

CASA DE MODAS
LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA
285, 287, 289, 291,293—RUA DO OURO
LISBOA

ANNUNCIOS

TRICYCLE

VENDE-SE um solido e leve e quasi novo, por preço rasoavel. Carta a Manuel Pereira da Cruz, rua de José Estevam, Aveiro.

BOTE

VENDE-SE um muito veleiro, de excellente construcção e optimamente aparelhado. Quem o pretender dirija-se a Manuel Pereira da Cruz, rua de José Estevam. Aveiro.

SAL

JOSÉ EDUARDO DE CASTRO, vende na sua marinha excellente sal velho a 7:500 réis cada moio.

CONCURSO

SECRETARIA DO CONSELHO DO ALMIRANTADO

6.ª REPARTIÇÃO—SECÇÃO DE PHAROES

DE ordem do conselho do Almirantado se annuncia, que está aberto concurso, até ao dia 15 de outubro proximo futuro, para a admissão de pharoleiros supra-numerarios, nas capitanias dos portos e delegações seguintes:

Porto, Aveiro, Figueira da Foz, Lisboa, Setubal, Lagos, Ponta Delgada, Peniche, Sines, Milfontes e Ilha de S. Jorge.

As condições acham-se designadas no regulamento approvado por decreto de 4 de janeiro de 1894, publicado no *Diario do Governo* n.º 5 do mesmo anno, e os requerimentos devidamente documentados, devem ser entregues nas respectivas capitanias e delegações maritimas, onde egualmente se prestam os esclarecimentos necessarios.

Secretaria do conselho do Almirantado, 28 de agosto de 1895.

O Secretario,
Pedro Ignacio do Rio Carvalho
Capitão de mar e guerra

ARREMATAÇÃO

NO dia 29 de setembro proximo, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial da comarca, sito na Praça Municipal d'esta cidade, conforme o ordenado nos autos de execução de sentença no processo comminatorio em que são exequentes Miguel Ferreira d'Araujo Soares e mulher D. Carolina Augusta de Moraes Ferreira, proprietarios, d'esta cidade, e executado o bacharel Manuel Cabral de Moura Coutinho de Vilhena, viuvo, proprietario, de S. Silvestre, comarca de Coimbra, se ha de arrematar em hasta publica a prestação do facto, que consiste em remover as terras segundo a prumada da aresta leste da valla, desaffrontando a linha divisoria dada pela mesma aresta, cortando-se os ramos e raizes, bem como a terra, seguindo a mesma prumada, ou perpendicular, fazendo-se o córte n'uma rampa de 1 de base por 3 de altura, de forma que fique restabelecido o estado anterior dos resvalamentos do terreno e arbustos, para que a valla ou regueira dos exequentes fique desembaraçada e limpa entre o predio dos mesmos exequentes e o do executado, situados em Arada, nos sitios denominados a *Quinta do Braz* e *Fonte do Lila*, tudo de harmonia com o que consta dos autos.

O arrematante tem de prestar caução por quantia equivalente ao preço da arrematação, e os trabalhos indicados devem realisar-se no proximo outono.

Aveiro, 28 de agosto de 1895.
Verifiquei.
O juiz de direito
Mello.
O escrivão do 4.º officio,
Leandro Augusto Pinto do Souto.

MUDANÇA DE ESCRIPTORIO

O do sr. Dr. João Carlos Freire Themudo Rangel, no Porto, mudou se para a rua de S. João Novo, n.º 9.

MANTEIGA NACIONAL
FABRICA
EM
PRAIA D'ANCORA
EMPREZA
CANNAS AFFONSO & C.ª

MARCA REGISTADA

Grande exploração de productos de lacticinios. Manteiga do purissimo leite, fabricada pelos mais modernos processos.

N. B.—Esta manteiga entra no mercado para combater a ruinosa e perigosa concorrencia das margarinas estrangeiras, e dos productos mal fabricados no paiz, vendendo-se por um preço altamento vantajoso para o publico.

Garantia escrupulosa no fabrico, e na pureza do producto, eis o ideal d'esta empreza.

Pede-se aos nossos consumidores que se acautellem com as imitações das marcas, d'outras emprezas.

Deposito em Lisboa na Calçada do Marquez d'Abrantes, 8, á venda nos Grandes Armazens do Chiado e em varias mercearias. No Porto, Rua das Flores, 124, e nas principaes mercearias, confeitarias e lojas de chá.

Em Aveiro no estabelecimento do sr. Domingos Pereira Guimarães, rua de José Estevam.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a
Cannas Affonso & C.ª
PRAIA D'ANCORA

GRANDE DEPOSITO DE AZEITES
EM
SANTAREM

AMILCAR VIRISSIMO, com casa de commissão d'azeites, na rua de S. Nicolau n.º 69, em Santarem, tem um grande deposito do genero, do mais especial, e de differentes procedencias. Fornece qualquer quantidade, não inferior a casco, pelos preços do mercado. Os srs. negociantes d'este genero, pódem dirigir-se-lhe pessoalmente, ou por carta, e a qualquer pedido satisfará promptamente.

CAPSULAS MOLLES
DE
OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU
ARRIAGA & LANE

Lane, Arriaga & sabendo o preço elevado por que se encontram no commercio as Capsulas molles de oleo de Figado de Bacalhau de marca estrangeira, resolveram apresentar ao publico producto similar, por preços accessiveis a todas as bolsas. Uma caixa de origem estrangeira contendo 24 capsulas de 3 gr. cada, é vendida pelo preço de 600 réis. As nossas caixas contendo o mesmo numero de capsulas tambem de 3 gr., custam apenas 300 réis.

Modo de Usar:—Salvo indicação medica especial, usar de 3 a 6 por dia, molhando-as em agua antes de tomar, para facilitar deglutição.a

VINHO NUTRITIVO DE CARNE
Privilegiado, auctorisado pelo governo e pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *unch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

SABONETE INSECTICIDA DE SAMPAIO

MATTA pulgas, percevejos, moscas, mosquitos, baratas, traças e formigas. Este sabonete é inteiramente inoffensivo tanto aos homens como animaes domesticos. Tambem é o aceio de todas as casas, pois não mancha a cama ou roupa como os pós que hoje estão a vender, e além d'isso não os matta, apenas os atordoa; o que não acontece com o sabonete, que matta instantaneamente, e dura dois mezes a um anno. Preço 100 réis; pelo correio 110 réis.

BALSAMO DE SANTO ANTONIO

Milagroso remedio que põe a andar um paralytico em 8 dias. Este balsamo tem feito importantissimas curas, pois serve para curar dôres rheumaticas, nervosas, sciaticas e dôres de cabeça, e pontadas. Preço de frasco 500 réis; pelo correio 550 réis.

CHÁ MEDICINAL DE SAMPAIO

Cura todos os padecimentos do ventre e estomago, dôres de colica, e destruição dos vermes, e facilita a digestão. Preço de pacote com 25 grammas 200 reis, e com 50 grammas 400 réis.

REBUÇADOS ANTI-FEBRIS

Para combater sezões, quartans, e terçans, e todas as febres. Preço de caixa 500 réis; pelo correio 530 réis.

Grandes descontos para revender

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao seu inventor, João do Carmo Silva Casqueiro de Sampaio, Rua dos Cavalleiros, 50 e 52—Lisboa.

AS HERNIAS
(RUPTURAS)

As pessoas affectadas d'esta terrivel enfermidade, vivem n'um perigo constante se não usarem um apparelho-funda perfeitamente apropriado para as rupturas de que padecem. **Uma funda** impropria da ruptura de que se soffra, faz com que esta se desenvolva e se torne n'uma ruptura escrotal e até mesmo epiplosa, o que occasiona atrozes soffrimentos e ás vezes a morte.

Se quereis livrar-vos d'esse incommodo e perigo, seja qual fôr o estado de vossas hernias (rupturas), **dirigi-vos com toda a confiança** á casa especialista em apparelhos orthopedicos e fundas, de Camillo Martins de Araujo, o qual, com verdadeiro e profundo conhecimento d'esses males, vos fará e applicará fundas de sua especialidade, **que curam a muitos** e preservarão a outros do perigo em que vivem.

Não confundir esta casa com outra. Esta é a segunda, ao cimo da rua de D. Pedro, 141, proximo á Cancella Velha; leia-se na taboleta o nome de
CAMILLO MARTINS D'ARAUJO
Porto

FUNDIÇÃO DO OURO
PORTO

Na Fabrica da Fundição do Ouro, existem em boas condições de venda:

1 Machina lythographica systema **Allousét.**

1 Machina e caldeira de vapor, locomovel, systema **Pantin** da força de 4 a 5 cavallos.

1 Dita. idem, idem, vertical, da força de 6 cavallos uteis.

1 Dita, idem, idem, horisontal, **Pantin,** locomovel. semi-fixa, de 6 a 8 cavallos de força util.

1 Dita, idem, idem, idem, **Pantin** de 10 cavallos effectivos.

1 Dita, idem, idem, idem, de 15 a 20 cavallos effectivos.

Fogões de cosinha de fogo circular, de grandes e pequenas dimensões, os mais economicos em combustivel, que se conhecem.

Bombas aspirantes e de repuxo para todas as profundidades e alturas, **e prensas para azeite.**

Estanca-rios com bombas aspirantes e de rosario de variadas proporções.

Charruas **S. S.** as mais uteis até hoje conhecidas.

Porto 15 d'abril de 1895.
O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

UNGUENTO SANTO
preparado na
Pharmacia Barral

HERPES, EMPIGENS, DACTRO, SARNAS, E QUAESQUER OUTRAS AFFECÇÕES CUTANEAS curam-se com o uso d'este unguento.

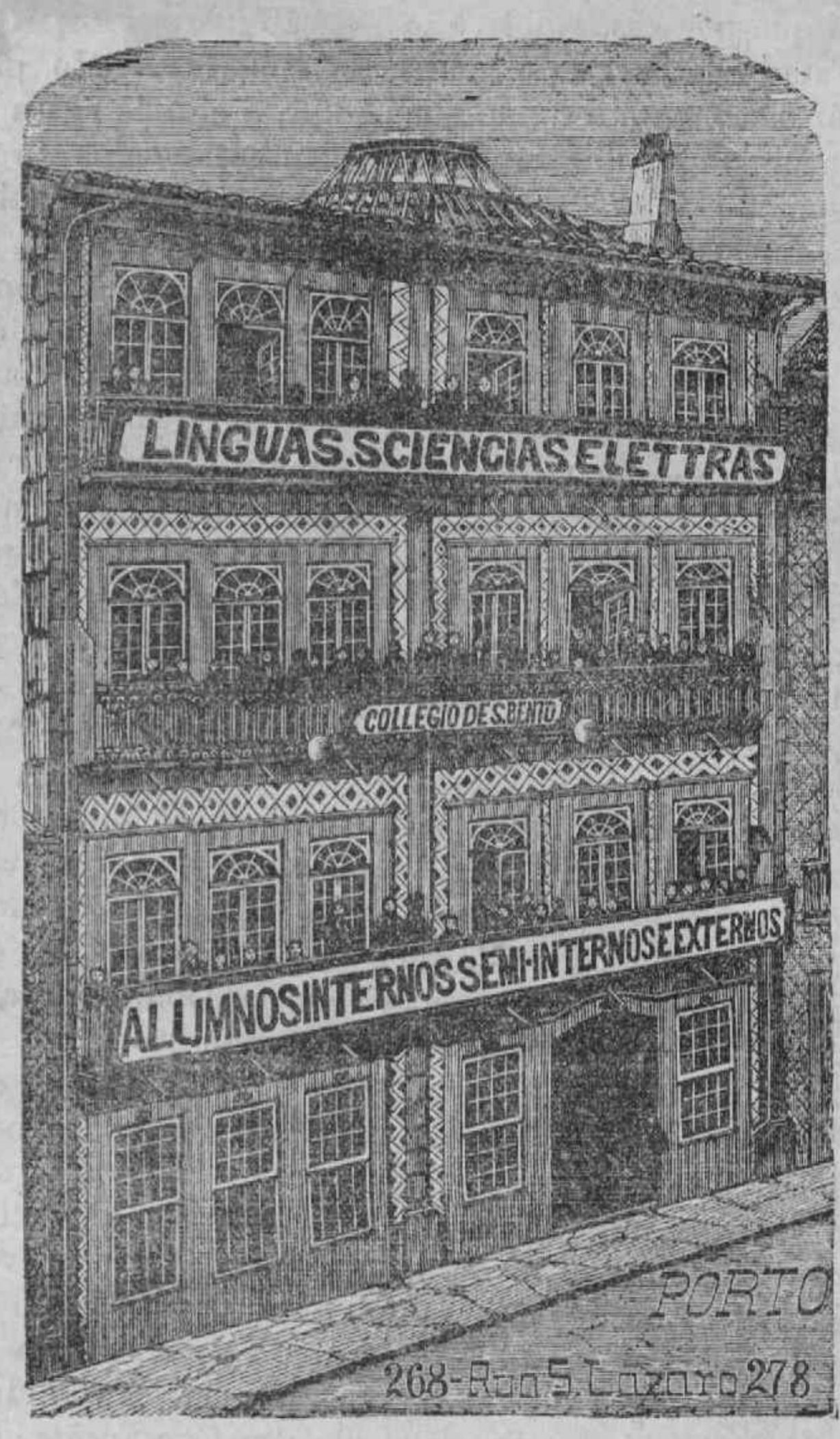
Trinta annos de bom exito, são os attestados mais valiosos que podemos apresentar para provar a sua efficacia.

—=(*)=—

Xarope Peitoral
(CODEINA E TOLU)

Empregado com bom resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES, LARYNGITES, ASTHMA, TOSSE CONVULSA, PNEUMONIA, TISICA, etc., etc.

PHARMACIA BARRAL
126, Rua Aurea, 128
LISBOA


LINGUAS, SCIENCIAS, E LETTRAS
COLLEGIO DE S.
ALUMNOS INTERNOS SEMI-INTERNOS E EXTERNOS
PORTO
268-Rua S. Lazaro 278

SELLOS DE CORREIO

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, novo, bom exemplar, original, com gomma, pago réis 100$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM
BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

CASA MEMORIA
ANTONIO JOSÉ ALVES
RUA DO VISCONDE DA LUZ
COIMBRA

Unico deposito das acreditadas machinas MEMORIA para alfaiate, sapateiro e costureira.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes e a prompto pagamento com grandes descontos.

Estas bem conhecidas machinas teem obtido o melhor acolhimento do publico em geral, pela perfeição, solidez e boa execução no trabalho.

São incontestavelmente as melhores até hoje conhecidas.

Peças soltas para todas as machinas de costura e concertos das mesmas

VELOCIPEDES

Deposito de bi-cycletas *Clement*, *Diana* e outros auctores, as quaes se vendem prestações e a prompto pagamento com grandes descontos.

INSTRUMENTOS MUSICOS

Pianos, instrumentos para philarmonicas e orchestras, guitarras, violões, violas, bandolins, harmonius, flautas, flautins, tambores, etc., tudo mais barato do que em Lisboa e Porto.

Campanhias electricas, promptas a collocar.

Grandes sortimento de oculos, lunetas e binoculos, por preços limitados.

Accessorios para machinas, velocipedes, instrumentos, etc.

Cordas para rebeca, viola, guitarra, violão e bandolim.

Os preços da nossa casa são, em tudo, mais limitados de que em Lisboa e Porto-porisso pedimos ao publico que não compre em parte alguma sem primeiro se certificar do que offerecemos.

Todos os pedidos podem ser feitos á nossa casa em Coimbra, onde serão satisfeitos immediatamente.

Completo sortimento em oculos e lunetas, a preços sem competencia, e concertam-se os mesmos.

Concertam-se machinas de costura de todos os auctores com perfeição, restituindo-se a importancia quando se justifique não fiquem boas.

ASTHMA E CATARRHO
CURADOS pelos CIGARROS ou PÓS ESPIC
OPPRESSÕES, TOSSE, DEFLUXOS NEVRALGIAS
Todas Pharmacias, 2 f. a Caixa. — Venda em grosso: 20, rue Saint-Lazare, Paris
EXIGIR a assignatura aqui exarada em cada Cigarro.
MEDALHA DE OURO. — FÓRA CONCURSO

FUNDIÇÃO DE FRADELLOS
DE
PRAÇA & FILHOS
PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindastes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

EXTRACTO COMPOSTO DE
Salsaparrilha de Ayer.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

JEYES' PERFEITO PURIFICANTE
MARCA REGISTRADA

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYEIS, para desinfectar casas e atrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.
—Preço 240 réis.

VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK

E' o melhor remedio contra lombrigas.

O proprietario, estando inteiramente satisfeito da impossibilidade de que o remedio falhe, offerece-se para restituir o dinheiro, caso o doente tenha lombrigas e tenha seguido as instrucções, e o remedio não tenha dado resultado

SABONETES DE GLYCERINA
MUITO GRANDES, MARCA CASSELS
Amacia a pelle
A MELHOR QUALIDADE
PREÇOS BARATOS

Vendem-se nas principaes pharmacias e drogarias.

Os representantes **James Cassels & C.ª**, rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º—PORTO.

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL
MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA
Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.